



Entrevista: Nathan Blanche

paraná cooperativo

Ano 4
Número 45
Setembro/Outubro - 2008

Av. Cândido de Abreu, 501 - 80530-000 - Curitiba - PR - www.ocepar.org.br



Coonagro

Cooperativas se unem e criam consórcio de insumos e fertilizantes

**CRISE NA ECONOMIA MUNDIAL:
Quais as consequências para o Brasil?**

*A vida com mais sabor,
saúde e lucros.*

inove



A vida com mais sabor

MAIS UMA VEZ AS MARGARINAS COAMO SÃO TOP FIVE.

Esta é a garantia de bons negócios e produtos com alta qualidade.



Visite nosso site e conheça a família dos Produtos Coamo | www.coamo.com.br

Transformar incertezas em crescimento

João Paulo Koslovski

Presidente do Sistema OCEPAR



Os reflexos da crise financeira mundial estão chegando, como ondas, a todos os continentes, afetando todas as economias por mais estáveis que estejam. É resultado da globalização dos mercados e da interdependência do sistema financeiro, mostrando que estamos todos no mesmo barco.

O que nos mantém otimistas é que Brasil é um grande exportador de commodities industriais e agrícolas, como o minério de ferro, a soja, açúcar e carnes. Mas nossa economia não está imune à crise e, provavelmente, sentiremos o efeito da queda mundial no consumo de alimentos.

Será uma catástrofe? O que fazer com os investimentos programados? Temos que reduzir a produção?

Julgamos que o momento não é de desespero nem de antecipação de uma crise que pode não se concretizar do tamanho como alguns economistas a configuram. Em vez de ampliá-la com nosso pessimismo, devemos tomar atitudes visando reduzir seu efeito.

Não é hora de frear bruscamente. Talvez reduzir o ritmo para perceber melhor o que o mercado nos sinaliza. Protelar novos investimentos com vistas na expansão do mercado consumidor. Não tomar créditos com base na capacidade de pagamento anterior à crise e a custos elevados, evitando um indesejável passivo financeiro num momento de oscilação desfavorável do câmbio.

Se o momento é de apreensão, de custos mais elevados na obtenção de crédito, consideramos importante que o governo trate do setor produtivo de alimentos com atenção, evitando a falta de recursos

para financiamento e comercialização da safra. Afinal, o que não pode faltar, mesmo nas crises mais severas, é o alimento a custo acessível.

A sinalização que o próprio governo vem dando, através de anúncios sistemáticos de aporte de recursos para o setor produtivo, significa a disposição de reverter os reflexos externos negativos. Apesar das medidas anunciadas, é preciso que as autoridades monitorem a efetiva aplicação dos recursos financeiros destinados à exportação, comercialização, capital de giro, custeio, entre outros. O que tem ocorrido é que os recursos não estão chegando na ponta para manter as empresas em plena atividade. Sabemos que qualquer desestímulo neste momento pode significar redução da atividade econômica com as conseqüências que todos já conhecem.

A sustentação do dinamismo da economia do agronegócio trará benefícios a todos, com a manutenção dos empregos no campo e nas cidades. E é preciso lembrar que o setor agropecuário tem capacidade de responder rapidamente aos incentivos que recebe.

Por isso é preciso garantir empréstimos e a renovação das operações de crédito, evitando a quebra da produção de alimentos, o que geraria perda de renda e emprego. Há investimentos estratégicos programados que precisam ser mantidos, como na modernização das rodovias, ferrovias, armazenagem e portos.

Vamos aproveitar esse momento para recuperar a infra-estrutura, estaremos mais bem preparados para a retomada do crescimento da economia, reduzindo os efeitos da desaceleração econômica.

Assim, transformaremos essas incertezas em uma oportunidade para reduzir custos e crescer.

Cooperativas criam consórcio e Ocepar promove debates sobre a crise

A crise econômica gera apreensão no setor produtivo. Suas conseqüências no Brasil ainda são incertas, mas os reflexos serão sentidos em 2009. Buscando um entendimento mais aprofundado de seus efeitos, a Ocepar promoveu palestras de especialistas em economia, que debateram o cenário atual com presidentes e profissionais das cooperativas do Paraná. Cautela é a palavra de ordem para enfrentar o momento de turbulência. Mas, segundo os economistas, não há ainda razão para pânico. A reportagem da revista Paraná Cooperativo acompanhou as discussões, e traz ampla matéria com opiniões e sugestões de dirigentes e especialistas sobre os prováveis desdobramentos da crise e as medidas que o Brasil pode tomar para amenizar seu impacto.

Opinião unânime entre os economistas é a necessidade de crédito para que o setor produtivo não paralise seus investimentos. Investimentos que fazem a diferença, como demonstra matéria sobre a transformação que o Prodecoop está ajudando a realizar no cooperativismo paranaense. Em seis anos, o programa voltado à agroindustrialização já repassou mais de R\$ 740 milhões ao setor, participando do financiamento de 97 projetos no Paraná. O resultado é agregação de valor, geração de emprego e renda no campo e nas cidades. E mesmo com a crise, investimentos em andamento não serão interrompidos. Cooperativas como Coasul, Coagru e Cocari mantêm os planos de expansão, com importantes projetos de industrialização, que o leitor poderá conhecer nesta edição da revista.

Reduzir os custos de seus associados é um dos objetivos do cooperativismo. E nesse item, uma iniciativa de 21 cooperativas do Paraná pode dar um novo rumo para a agropecuária do estado. A reportagem da Paraná Cooperativo acompanhou a histórica formação do Coonagro (Consórcio Nacional Cooperativo Agropecuário). A matéria de capa desta edição revela como surgiu a idéia do consórcio, suas características e potencialidades, que visam, num primeiro momento, reduzir os custos com fertilizantes e insumos em no mínimo 10%, beneficiando mais de 60 mil cooperados. O Coonagro foi lançado durante coletiva na sede da Ocepar, com a presença do ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes e do secretário estadual da Agricultura, Valter Bianchini. Acompanhe com profundidade essas e outras reportagens sobre o cooperativismo paranaense.

Boa Leitura!

6



Entrevista: o consultor Nathan Blanche avalia as causas da crise e os riscos para a economia e o agronegócio brasileiro



10

Especial: cooperativas paranaenses reagem à concentração de mercado e criam o Coonagro (Consórcio Nacional Cooperativo Agropecuário) para atuar no setor de fertilizantes e insumos



16

Quais os desdobramentos da turbulência internacional para o Brasil? Ocepar promove palestras e debates para avaliar a crise na economia mundial

24 Prodecoop já destinou ao Paraná mais de R\$ 740 milhões, contribuindo para a expansão agroindustrial das cooperativas

DIRETORIA DA OCEPAR

Presidente

João Paulo Koslovski

Diretores

Áureo Zamprônio
Frans Borg
Valter Pitol
José Otaviano de Oliveira Ribeiro
Paulino Capelin Fachin
Orestes Barrozo Medeiros Pullin
Manfred Alfonso Dasenbrock
Edvino Schadeck
Dilvo Grolli
Valter Vanzella
Renato José Bezeze
Luiz Lourenço
José Aroldo Gallassini
Jorge Karl

Conselho Fiscal

Ricardo Silvio Chapla
Miguel Rubens Tranin
Gaspar de Geus

Suplentes

Paulo Henrique Cariani
Antônio Sérgio de Oliveira
Valdir Luiz Ferst

Superintendente

José Roberto Ricken

Superintendente Adjunto:

Nelson Costa

DIRETORIA DO SESCOOP-PR

Presidente

João Paulo Koslovski

Conselho Administrativo

Valter Pitol
Luiz Lourenço
Guntolf van Kaick
Josiany de Fátima Rolo

Suplentes

Frans Borg
Jorge Karl
Célia Hoffmann
Ramon Belisário (*in memoriam*)

Conselho Fiscal

Luiz Humberto de Souza Daniel
Gabriel Nadal
Eurico Woitowicz

Suplentes

Almir Montecelli
Francisco Augusto Sella
Carmem Teresa Zagheti Reis

Superintendente

José Roberto Ricken

EXPEDIENTE

Revista Paraná Cooperativo:

Assessoria de Imprensa do Sistema Ocepar/Sescoop-PR.
Editor Responsável: Samuel Zanello Milléo Filho (DRT/PR 3041) **Editor Assistente:** Ricardo Rossi **Redação:** Eloy Setti, Marli Vieira e Ricardo Rossi **Apoio:** Cleide de Paula.
Fotos: Imprensa Ocepar. **Conselho Editorial:** João Paulo Koslovski, José Roberto Ricken, Nelson Costa, Flávio Turra, Gerson Lauermann, Leonardo Boesche, Samuel Zanello Milléo Filho, Eloy Setti **Diagramação, fotolito e impressão:** Editora Paranaense. **Redação:** Av. Cândido de Abreu, 501, CEP 80530-000, Centro Cívico, Curitiba - Paraná. **Telefone:** (41) 3200-1100 / (41) 3200-1109. **Endereço Eletrônico:** imprensa@ocepar.org.br **Página na Internet:** www.ocepar.org.br **As matérias desta publicação podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.**

22



Cooperativas mantêm investimentos: seguem os projetos avícolas da Cocari, Coasul e Coagru (foto), com aportes superiores a R\$ 300 milhões



28

Encontro Estadual realizado pelo SESCOOP-PR reúne mais de 50 secretárias em Curitiba

33



Comitiva do Paraná participa de curso sobre o cooperativismo da Itália e da Alemanha

30 Notas e Registros: os principais acontecimentos e notícias de interesse do cooperativismo do Paraná

38 Aprovada nova estrutura organizacional e de governança da Central Sicredi Paraná

Nathan Blanche

Consultor e especialista em análise de mercado financeiro, sócio-fundador da Tendências Consultoria Integrada

Crise terá efeito menor sobre o agronegócio

“**A**quisição de automóvel ou imóvel pode ser adiada. Mas, com a comida é diferente. A demanda do setor de primeira necessidade é constante”, explica o consultor Nathan Blanche, sócio-fundador da Tendências Consultoria Integrada. Mesmo assim, analisa o especialista, o setor agropecuário brasileiro não escapará dos efeitos da crise econômica mundial. Ele recomenda cuidado antes de fazer investimentos, pois a turbulência ainda persiste e o cenário é de incertezas. “Entendo que o momento de volatilidade é passageiro, mas está difícil dar um recado otimista hoje.”

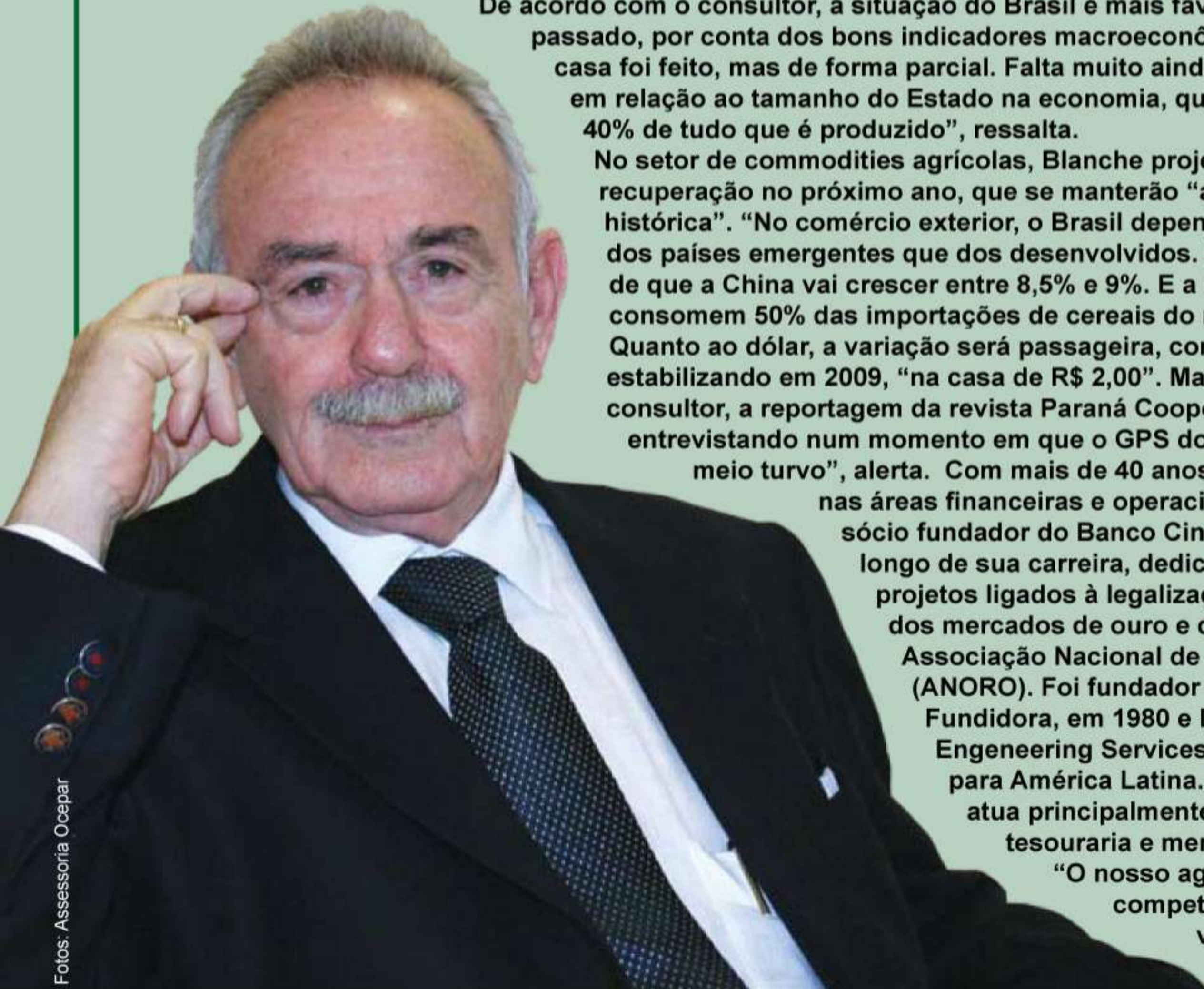
Para Blanche, está ocorrendo um severo ajuste da economia mundial, que estava crescendo acima do seu PIB (Produto Interno Bruto) potencial. “O mundo deixou o patamar de 3,5% e passou a crescer a uma média de 5%. Houve uma fartura de crédito nos mercados globalizados”, indica. Com a crise, vão ocorrer mudanças: “haverá uma maior auto-regulação e uma depuração dos bancos para normalizar o nível de alavancagem.”

De acordo com o consultor, a situação do Brasil é mais favorável que no passado, por conta dos bons indicadores macroeconômicos. “O dever de casa foi feito, mas de forma parcial. Falta muito ainda, principalmente em relação ao tamanho do Estado na economia, que abocanha quase 40% de tudo que é produzido”, ressalta.

No setor de commodities agrícolas, Blanche projeta preços em recuperação no próximo ano, que se manterão “acima da média histórica”. “No comércio exterior, o Brasil depende hoje muito mais dos países emergentes que dos desenvolvidos. Há indicações de que a China vai crescer entre 8,5% e 9%. E a China e a Índia consomem 50% das importações de cereais do mundo”, observa. Quanto ao dólar, a variação será passageira, com a cotação se estabilizando em 2009, “na casa de R\$ 2,00”. Mas, ressalva o consultor, a reportagem da revista Paraná Cooperativo “está me entrevistando num momento em que o GPS dos economistas está meio turvo”, alerta. Com mais de 40 anos de experiência

nas áreas financeiras e operacional, Blanche foi sócio fundador do Banco Cindam (1989 - 96). Ao longo de sua carreira, dedicou-se a diversos projetos ligados à legalização e liberação dos mercados de ouro e câmbio à frente da Associação Nacional de Ouro e Câmbio (ANORO). Foi fundador da Goldmine Fundidora, em 1980 e Diretor da ESI - Engeneering Services Internacional Ltda. para América Latina. Na Tendências, atua principalmente na análise de tesouraria e mercados financeiros.

“O nosso agronegócio tem competitividade, força e valor para superar a crise”, conclui.



Paraná Cooperativo – O que está acontecendo com a economia mundial? Podemos ser otimistas quanto à reação mundial à crise?

Nathan Blanche – É difícil dar um recado otimista hoje. Eu estou vendo esse momento de volatilidade como passageiro. O que está ocorrendo é um ajuste severo na economia do mundo, que estava crescendo acima do seu PIB potencial. O mundo alavancou muito com a globalização dos mercados. Toda a poupança e o PIB mundial estão integrados e via internet, ou seja, a informação é muito rápida. Hoje o investidor busca abrigo e rentabilidade nos países mais eficientes, e se desloca com alta velocidade. O mundo cresceu 5%, a média de crescimento era 3,5%. Aqui no Brasil vendemos 30% mais carros. A nossa frota nos últimos 3 ou 4 anos dobrou. O crédito imobiliário aumentou em 100%. Tornou-se viável comprar uma geladeira por 2 anos, uma TV por 3 anos. Quer dizer, todo mundo alavancou. Houve uma fartura de crédito nos mercados globalizados.

Paraná Cooperativo – O setor agropecuário vai ser menos afetado do que o imobiliário e o de automóveis?

Nathan Blanche – Sem dúvida. A demanda no setor de primeira necessidade é constante. Eu costumava dizer o seguinte: eu não sei quem vai quebrar, mas a primeira coisa que você deixará de comprar será no setor automobilístico, imobiliário, entre outros. Mas com a comida é diferente. Na história das crises mundiais o segmento de alimentos tem mais elasticidade.

Paraná Cooperativo – O senhor defende a interrupção imediata dos investimentos devido à crise?

Nathan Blanche – O que está investido deve continuar em andamento, mas antes de tomar uma nova iniciativa de investimento, pense duas vezes. Se você começou ontem um investimento pare um pouco, mas se já tem 15% ou 20% comprometido, principalmente no agrobusiness, não pare.

Paraná Cooperativo – A crise atual é di-

ferente de outras crises recentes. O mundo hoje está mais rico e integrado?

Nathan Blanche – Mais integrado principalmente com os países mais pobres. Houve uma tremenda distribuição de renda. Tanto é que este ano o G7 (grupo dos sete países mais ricos) deve crescer em torno de 1,5% a 2% e o G20, que são os países em desenvolvimento, deve crescer 7%. No ano que vem o crescimento será menor. O G7 vai crescer, numa visão otimista 2% e os em desenvolvimento vão crescer 6%.

Paraná Cooperativo – O Brasil vai continuar crescendo?

Nathan Blanche – Volto a dizer, nós estamos crescendo acima do potencial. O Brasil não tem poupança suficiente para crescer 5% ou 5,5%. O comércio está crescendo 9% ao ano, ou seja, houve um exagero no crédito. O Brasil para crescer 5%, precisa de 23% ou 25% de poupança em relação ao PIB e a gente não poupa nem 18%. Então, se a gente tem uma poupança de 18%, precisamos importar poupança externa. Apesar da poupança privada no Brasil ser grande, o governo tem 40%. Dos 60%, o setor privado investe 17%. A gente vinha tendo um baixo crescimento com contas correntes positivas. Contas correntes é o resultado das contas externas. A gente estava exportando poupança e estava crescendo pouco. No ano passado foram 14 bilhões de dólares e no ano retrasado foram 13 bilhões de dólares. Este ano as contas correntes foram negativas em US\$ 1,3 bilhão. Tem que aumentar a poupança interna ou ter uma estabilidade de crescimento que crie confiança no exterior para que as pessoas invistam aqui. Isso é saudável para um país que está crescendo. É necessário criar regras, condições competitivas no país para que se invista nele. E essas reformas institucionais que ocorreram já deram um impulso, no final da década de 90 e nessa década. A lei de responsabilidade fiscal nas contas públicas, lei de falência, câmbio flutuante, Banco Central independente, isso dá confiança aos investidores de que as decisões não serão políticas, mas institucionais, ou seja, vão ser responsáveis.

Paraná Cooperativo – O uso populista da economia acabou no Brasil?

Nathan Blanche – A idéia desenvolvimentista de que é o Estado quem deve determinar o crescimento está enterrada. Quais são os países que seguem essa doutrina? Venezuela? É um país que tem sérios problemas de abastecimento de alimentos e infra-estrutura. Governo tem é que criar agências reguladoras. Isso é fantástico. Veja o caso dos celulares e computadores. Cadê a Lei de Informática? Havia o laptop de 10 quilos que custava US\$ 10 mil. O mundo está integrado hoje, globalizado. É lógico que ajustes são necessários. Mas comparo a economia com o futebol. Você tem que deixar o jogador inventar, criar ao máximo, mas dentro das regras e do tamanho do campo. Não pode fazer gol com a mão, não pode fazer falta.

Paraná Cooperativo – A reação dos governos norte-americano e europeu, que intervieram nos mercados para reduzir os impactos da crise, também enterrou o neoliberalismo?

Nathan Blanche – O mundo está alavancado demais. É o resultado dessa fantástica máquina de desenvolvimento. O mundo crescendo 5% promovido pelo crédito globalizado, pela informação globalizada. Todas as normas que você tinha antes de 1995, como câmbio fixo, com países muito fechados, economias fechadas, protecionistas, isso em parte ainda existe, mas a globalização rompeu essas barreiras. E as pessoas estão em melhores condições. A classe C se multiplicou por quatro. Quem na realidade realizou o sonho de Karl Marx [N. do Ed.: filósofo alemão (1818-1883)] foi o neoliberalismo. É a maior distribuição de renda da história. A gente está assistindo os países ricos crescendo 2% e os emergentes crescendo em média 7%.

Paraná Cooperativo – Que oportunidades o senhor antevê para o Brasil e que outros países podem se beneficiar neste momento de incertezas e de novas alternativas?

Nathan Blanche – Eu não gosto da idéia de se beneficiar com uma crise. Eu digo ►

sair mais forte de uma crise. Não adianta você andar com um carro blindado em um tiroteio tendo um mau motorista: o carro capota. Você passa fome com o armazém cheio em casa. O Brasil ainda é um dos países mais fechados do mundo. O nível de comercialização ou de abertura do Brasil é 20% do PIB, o da China é 75%. Então tem que abrir mais a economia. Ser mais competitivo. Não quero fabricar brinquedo aqui dentro. Eu quero é vender soja e aviões para a China, enfim, aquilo que tenho, no setor em que sou competitivo. O sonho do David Ricardo [*N.do Ed.: economista inglês (1772-1823)*] é a lei da vantagem comparativa. Se cada um produzir aquilo em que é mais eficiente, a sua comunidade vai ser mais rica. Como resultado da crise vai haver mais auto-regulação e uma depuração dos bancos para normalizar esse nível de alavancagem. Por que o Brasil está do jeito que está? Porque o Proer (Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Sistema Financeiro Nacional) acabou com a farra dos bancos estaduais. Cada governador, cada prefeito, metia a mão na botija e não fabricava dinheiro. Claro, foi graças a um tropeço, a uma crise. Com medo do tétano você foi fazer exame de sangue porque arranhou o dedo e descobriu que estava com colesterol alto. Mas por isso o Brasil tem atualmente instituições mais fortes que independem da vontade política. A gente fez o dever de casa em parte, falta muito. Principalmente em relação ao tamanho do Estado na economia, que fica com 40% do bolo e poupa 1%. E o setor privado tem 60% e poupa 17%. Por isso não tem poupança suficiente. Eu não sou contra o Bolsa Família, acho um plano fantástico, mas é preciso mais dinheiro para os agricultores investirem e produzirem, gerando emprego e impostos.

Paraná Cooperativo – Recentemente, uma missão da Ocepar esteve nos EUA, visitando propriedades e cooperativas.

Do ponto vista tecnológico e competitivo, nossas propriedades e cooperativas estão equiparadas às melhores do mundo. Mas, quando o assunto é infra-estrutura, no Brasil ainda temos muito a fazer.

Nathan Blanche – No Nordeste abriram linha para compra de tratores, com cabines climatizadas e comandos computadorizados. Mas não tinha operador. Devolveram porque não havia operador qualificado para operar a máquina. É o resultado da falta de investimento em educação. Acho que o Lula, apesar de ter idéia socialista, coisas



“

Carro sem combustível não anda e economia sem crédito não produz. É preciso garantir o investimento dos agricultores

”

antigas, inadequadas, ele tem um instinto fantástico. Ele mandou privatizar aeroporto, está dando concessões do Estado porque o governo não tem poupança. Tudo o que arrecada, gasta. E investe muito pouco naquilo que de fato precisa investir, que é infra-estrutura e educação.

Paraná Cooperativo – E qual a expectativa do senhor em relação ao agronegócio para 2009?


Nathan Blanche – A gente depende muito mais hoje dos países emergentes, caso da China, que dos países ricos. Os preços dos produtos agropecuários não devem ter queda acentuada, exceção talvez para a soja. O nosso agronegócio tem competitividade, força e valor.

Paraná Cooperativo – As outras commodities devem se manter acima da média histórica?

Nathan Blanche – Devem se manter ou subir, e teremos uma depreciação cambial muito pequena. Esperamos um câmbio de R\$ 1,95 para 2009. Mas é bom lembrar que vocês estão me entrevistando num momento em que o GPS dos economistas está meio turvo. Dado os fundamentos, os números e os modelos que a gente analisou, há indicações de que a China vai crescer 8,5 ou 9%. E Índia e China consomem 50% das importações de cereais no mundo.

Paraná Cooperativo – E quanto ao crédito, a reação internacional vai garantir os investimentos?

Nathan Blanche – Eu diria numa metáfora que crédito para a economia é igual combustível para um carro. Sem crédito a economia não funciona. E esse ajuste, capitaneado principalmente pelos Estados Unidos e Europa, é muito forte, dadas as quantidades monstruosas injetadas na economia. No Brasil, o crédito está apenas começando, com as reformas estruturais que foram promovidas recentemente. Até 3 anos atrás, não havia crédito neste país. Hoje você pode vender um apartamento, uma propriedade e ter garantias: se não te pagarem, você retoma o imóvel. O regime comunista comanda a China. Mas é o país que mais recebe investimentos no mundo porque tem garantias sólidas de retorno. Ninguém coloca seu dinheiro em uma coisa incerta. ■



**COPACOL.
HÁ 45 ANOS
PREPARANDO
A RECEITA
DE MUITAS
FELICIDADES.**

Copacol, uma cooperativa com 45 anos de história, que exporta para 20 países e possui cerca de 5 mil associados. Esses são os números da nossa estrutura e competência. Mas tem uma coisa que simplesmente não dá pra calcular: o quanto nossos produtos são deliciosos.

Tel.: (45) 3241-8080 – Fax: (45) 3241-8184
copacol@copacol.com.br – www.copacol.com.br




Copacol

Receita para ser feliz.



Fotos: Assessoria Ocepar

Momento histórico: dirigentes aprovam contrato de criação do Consórcio Nacional Cooperativo Agropecuário

Coonagro chega para reduzir custos de produção da agricultura

Consórcio de 21 cooperativas do Paraná vai atuar na compra de fertilizantes e insumos, beneficiando mais de 60 mil cooperados

Dia 26 de setembro, sede da Ocepar, Curitiba. A sala de reuniões está lotada e as discussões fluem rápidas. Dirigentes e representantes cooperativistas debatem normas e regras, sugerem mudanças, fazem ajustes e concluem a redação de um contrato. Do lado de fora, a imprensa aguarda o anúncio oficial. Antes de encerrar o encontro, é preciso a aprovação de todos. O presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, que coordena a reunião, pede então aos presentes que se manifestem: mãos levantadas e contratos ao alto. O momento é histórico para o cooperativismo paranaense. Está

aprovada e formalizada a criação do Coonagro (Consórcio Nacional Cooperativo Agropecuário). Projeto de intercooperação que envolve diretamente 21 cooperativas do estado e que pretende reduzir em 10%, no mínimo, os custos com a compra de fertilizantes e insumos agropecuários.

Já no auditório da Ocepar, o Coonagro é apresentado à imprensa, em solenidade que conta com a presença do ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes e do secretário estadual da Agricultura, Valter Bianchini, do presidente Koslovski, juntamente com o presidente do Consórcio, Frans Borg, escolhido por

unanimidade e que fala sobre as motivações e objetivos do novo empreendimento cooperativo. “A concentração de mercado é uma realidade da economia globalizada e as cooperativas não podem ficar passivas diante dessa distorção. É preciso uma resposta e a formação do Consórcio é uma iniciativa fundamental para que possamos superar este grave problema que está trazendo sérios impactos ao custo de produção dos agricultores”, explica. “É uma semente que se plantou e a gente espera, e vamos trabalhar para isso, que o Sistema Cooperativista a irrigue para que cresça e possa dar frutos”, prossegue.

Intercooperação para enfrentar a concentração de mercado

A união das 21 cooperativas do Coonagro ganhou força nesse ano, com a atuação do ministro Stephanes, que articulou várias reuniões buscando soluções para a questão dos fertilizantes, viabilizando alternativas para reduzir a dependência brasileira dos insumos importados. Mas o projeto de criação de um consórcio cooperativo existe desde 2003, quando ocorreram os primeiros estudos e tentativas de formar um empreendimento de intercooperação no setor de fertilizantes e agroquímicos. No entanto, a crise agropecuária nas safras 2004/2005 e 2005/2006, quando o Paraná perdeu cerca de 13 milhões de toneladas de grãos, obrigou as cooperativas a

protelarem a formação desse consórcio.

O assunto foi retomado durante reunião realizada em Brasília em dezembro de 2007, com o ministro da Agricultura. Na ocasião, Stephanes desafiou as cooperativas a se integrarem num projeto para ampliar a oferta e reduzir a dependência do país. As discussões prosseguiram e ganharam força em 2008, com encontros realizados na capital federal e em Curitiba.

Ao longo dos últimos meses, a Ocepar e as cooperativas mobilizaram suas equipes técnica e jurídica em estudos de viabilidade e na formulação de uma proposta condizente às necessidades do setor. Várias reuniões foram or-

ganizadas, com debates sobre o alcance e a forma de atuação do consórcio. A primeira delas na sede da Ocepar, no dia 10 de março, contou com a presença de Stephanes e reuniu mais de 30 dirigentes cooperativistas. “A concretização do Coonagro é resultado da união do Sistema Cooperativista paranaense, da determinação de seus dirigentes e do apoio do Ministério da Agricultura. Importante ressaltar também o trabalho dos profissionais das cooperativas e da Ocepar. A intercooperação é um princípio do cooperativismo e é gratificante constatar que essas iniciativas conjuntas estão se intensificando no Paraná”, afirma Koslovski.

Negócios podem chegar a R\$ 1,65 bilhão

O faturamento das 21 cooperativas que formam o Coonagro (R\$ 10 bilhões) equivale a 54% do total a ser movimentado pelas 80 cooperativas paranaenses do ramo agropecuário (R\$ 19 bilhões). Segundo estimativas da Gerência Técnica e Econômica da Ocepar (Getec), a demanda por fertilizantes das cooperativas do Paraná em 2008 será de 2 milhões de toneladas, ao custo de R\$

3 bilhões. As integrantes do consórcio consumirão cerca de 1,1 milhão de toneladas, ao custo de R\$ 1,65 bilhão. Mas as compras em 2009 devem gerar uma movimentação de R\$ 500 milhões. “Num primeiro momento, as negociações do Coonagro vão abranger cerca de 25% da demanda de suas cooperativas. Gradativamente, o grupo deverá aumentar esta participação”, explica o gerente técnico

e econômico da Ocepar, Flavio Turra.

O contrato aprovado pelas cooperativas prevê que o Consórcio não se restringirá a aquisições de fertilizantes e agroquímicos. “O Coonagro pode atuar na comercialização e exportação de grãos, aproveitando a integração e estrutura forte do grupo e o know-how em comércio exterior das cooperativas participantes”, diz Turra.

Caminho aberto para a industrialização

Compras conjuntas de fertilizantes serão os primeiros negócios do Consórcio. Mas os objetivos do grupo são mais ambiciosos, com a expansão rumo à exploração de jazidas e industrialização de insumos. “É onde estão as melhores margens de lucratividade. Porém, para explorar uma mina e industrializar matéria-prima os investimentos necessários são bastante elevados”, explica Turra.

Projeções da Getec estimam que uma planta industrial numa mina de fósforo - com uma produção anual de 1 milhão de toneladas - demandaria

um investimento superior a 1,5 bilhão de dólares. No caso do potássio - para produzir 2 milhões de toneladas ao ano - são necessários investimentos aproximados de 2,5 bilhões de dólares. Para o nitrogênio, a industrialização anual de 1 milhão de toneladas exige aportes de US\$ 1 bilhão. “No futuro, será o caminho adequado a ser seguido, num projeto de longo prazo e através de parcerias com empresas como a Petrobrás e outras do setor”, observa o gerente da Ocepar, que participou do trabalho de organização das cooperativas para a formação do Coonagro.

Alternativas - Antes de dar passos mais ousados, uma alternativa para o Consórcio é investir em indústrias misturadoras de fertilizantes e processadoras de agroquímicos. “O investimento é menor, entre R\$ 20 milhões e R\$ 100 milhões. As margens se situam entre 15% e 40%”, estima. Nos dois casos, a matéria-prima precisa ser adquirida das empresas que exploram minas ou produzem formulados químicos. “No processamento de herbicidas, fungicidas e inseticidas podem ser utilizadas fórmulas genéricas, com patentes livres, o que diminui custos”, lembra. ▶

Cooperativas que formam o Coonagro

Agrária, Agropar, Batavo, Bom Jesus, C.Vale, Capal, Castrolanda, Cocari, Codepa, Cofercatu, Coopagricola, Coopermibra, Cooperval, Copacol, Copagra, Copagril, Corol, Integrada, Lar, Nova Produtiva e Unicaastro



Autoridades e dirigentes das 21 cooperativas do consórcio posam para a foto oficial em solenidade no auditório da Ocepar

Integração e bons retornos

“O consórcio vai mudar o rumo da agropecuária”, afirma Koslovski, com otimismo, ao avaliar o impacto positivo que o Coonagro pode causar no mercado de fertilizantes e insumos. Levantamento da Ocepar mostra o preocupante crescimento da participação dos fertilizantes no custo de produção de grãos. No milho, a participação passou de 17% na safra 2002/2003 para 32% (alta de 88%) na última safra. No trigo, nesse período a participação dos fertilizantes no custo de produção subiu de 16% para 27% (alta de 69%). E na soja, de 10% na safra

de 2002/2003 para 20% na atual (alta de 100%). “É uma ameaça séria à rentabilidade no campo”, alerta. “O Coonagro vai atuar para diminuir esse peso e temos certeza que esta integração vai propiciar bons retornos aos nossos cooperados”, avalia. O dirigente ressalta a força e o potencial do Consórcio, que congrega 21 cooperativas que movimentam mais de R\$ 10 bilhões; recebem 16 milhões de toneladas de grãos; têm 60.500 associados e 27.345 colaboradores; e consomem anualmente 1.100.000 toneladas de fertilizantes. “Há um horizonte muito favorável para a ex-

pansão do Consórcio”, observa.

Para o ministro da Agricultura, o Coonagro “é uma solução fantástica”. Stephanes tem sido um dos principais defensores e apoiadores da iniciativa das cooperativas. “É um avanço concreto para solucionar um grande problema desta safra, que é a alta expressiva dos preços dos fertilizantes e agroquímicos”, afirma. Na opinião do secretário Bianchini, “o Paraná está dando exemplo, através da Ocepar, de como as cooperativas podem ajudar a resolver os entraves da agricultura”.

Em fase de estruturação

O Coonagro iniciou suas atividades com um capital inicial de R\$ 5 milhões e está em fase de estruturação administrativa, com a contratação das equipes operacionais. O organograma do Consórcio obedece a seguinte configuração: Assembléia Geral (formada pelos presidentes das cooperativas participantes) que define e aprova ações e estratégias do Coonagro; Conselho

Administrativo (composto pelo presidente, vice-presidente e secretário do Consórcio escolhidos pela Assembléia Geral); Diretoria Executiva (profissional contratado); Gerência Operacional e Administrativa (profissionais contratados liderados pela Diretoria Executiva). O Consórcio passará por auditoria externa anualmente e receberá sugestões de um Comitê Técnico Consultivo, formado

por profissionais das cooperativas participantes. A atuação do Coonagro obedecerá ao Plano Anual de atividades definido pela Assembléia Geral. O endereço provisório do Consórcio será a sede do Sistema Ocepar, em Curitiba. O Conselho Administrativo escolheu Frans Borg (Castrolanda), para presidente; Alfredo Lang (C.Vale), vice-presidente; Eliseu de Paula (Corol), secretário.



Frans Borg, presidente do Consórcio, fala à imprensa sobre o lançamento do Coonagro, observado pelo ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, e o secretário estadual de Agricultura, Valter Bianchini

Governo quer reduzir dependência estrangeira

A dependência estrangeira no fornecimento de matéria-prima para o Brasil vai reduzir drasticamente em menos de uma década, acredita o ministro da Agricultura. A preocupação do governo federal em resolver a questão, considerada estratégica, levou o próprio presidente Lula a se empenhar na busca de soluções através da criação de um grupo de trabalho.

De acordo com o ministro, em cerca de cinco anos o Brasil deverá alcançar a auto-suficiência em nitrogênio. “Até o final do ano a Petrobrás deverá apresentar estudo sobre a auto-suficiência em nitrogenados”. Ele ressalta que as grandes jazidas de gás em exploração podem ampliar a oferta da matéria-prima

para fertilizantes. O nitrogênio é extraído principalmente do gás natural. Também acenou para o fim da dependência em fósforo, num período de seis a sete anos, em função da possibilidade de exploração de novas jazidas. Da mesma forma, foram descobertas jazidas significativas de potássio no Recôncavo Baiano que, com outras soluções, “devem permitir ao Brasil o auto-abastecimento em cerca de dez anos”, prevê.

Atualmente, o país importa 73% do fertilizante que utiliza. Entre as três principais matérias-primas do produto, o índice de dependência é maior no potássio (91%) e nitrogênio (75%), sendo menor no fósforo (51%). Especialistas consideram a participação da Pe-

trobras fundamental para ampliar a produção nacional. E o governo já reviu a estratégia da empresa para o setor. Uma grande mina de potássio na Amazônia, que foi concedida pela Petrobras a uma multinacional canadense, deverá ser retomada. Além das jazidas na Bahia, existe uma outra mina em Sergipe que pertence a Vale. Para o fósforo, o cenário é mais favorável, com inúmeras minas em todo o país que podem ampliar a produção se houver mais investimentos. Mas é no nitrogênio que o Brasil pode ser rapidamente auto-suficiente, por conta do grande potencial de gás natural junto aos campos de petróleo em exploração e os descobertos recentemente na camada pré-sal. ▶

Consórcio italiano de queijos fatura 1,5 bilhão de Euros



Peças de parmigiano-reggiano em maturação: vendas mundiais

O resultado obtido pelo Consórcio Parmigiano-Reggiano, que congrega cerca de 310 cooperativas e 230 laticínios italianos, demonstra as possibilidades de sucesso do trabalho em conjunto. O grupo, que produz o queijo mundialmente conhecido, teve um faturamento de 1,5 bilhão de Euros em 2007. Com uma trajetória de 80 anos, abrange hoje 4.291 produtores, com um plantel de 244 mil vacas e uma produção anual de 3 milhões de peças. Toda a produção é certificada, obedecendo a rígidos padrões de qualidade e sabor. No começo do século 20, a Câmara de Comércio da cidade de Reggio nell'Emilia, no Norte da Itália, propôs a constituição de um sindicato entre os produtores e comerciantes de queijo para certificar a origem do produto. Representantes das câmaras de comércio de Parma, Reggio, Módena e Mantova se reu-

niram então para propor uma solução à padronização e comercialização do queijo produzido na região. Em 1928 nascia o Consórcio, constituído com o intuito principal de defesa e tutela da "Denominação de Origem", desenvolvimento do comércio e do consumo, e salvaguarda do tipo e características peculiares do produto. E em 1964 foi aprovada a marca em baixo relevo "Parmigiano-Reggiano", conhecida internacionalmente.

"A experiência italiana mostra como o consórcio pode impulsionar as atividades de seus participantes. A principal vantagem é a união de forças apenas em parte dos negócios, sem implicar em mudanças da individualidade administrativa de seus componentes", afirma o analista técnico e econômico da Ocepar, Cassiano Bragagnolo, que participou de um curso sobre o cooperativismo da Itália.

Saiba mais...

As 21 cooperativas

que formam o Coonagro (Consórcio Nacional Cooperativo Agropecuário) têm 60.500 cooperados e geram 27 mil empregos diretos. Juntas, essas cooperativas devem faturar, neste ano, cerca de R\$ 10 bilhões, ou 54% do total a ser movimentado pelas 80 cooperativas paranaenses do ramo agropecuário (R\$ 19 bilhões)

Demanda do Paraná

De acordo com estimativas da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), a demanda por fertilizantes no Paraná neste ano será de 3,61 milhões de toneladas. No Brasil, a demanda prevista é de 26 milhões de toneladas. Em 2007, foram consumidas 24,61 milhões de toneladas no país e 3,42 milhões de toneladas no Paraná

73% do fertilizante

utilizado no Brasil é importado

R\$ 500 milhões

é a movimentação estimada do Coonagro para 2009

R\$ 1,65 bilhão

é o custo anual das 21 cooperativas do Consórcio com a compra de fertilizantes

Dirigentes opinam sobre o novo empreendimento

“A gente acredita que o princípio cooperativista já é isso: juntar os interesses. E o que está sendo feito nesse momento é buscar a soma de interesses através do consórcio. É uma semente que se plantou e a gente espera - e vamos trabalhar para isso - que o Sistema Cooperativista a irrigue para que ela cresça e possa dar frutos.”

(Frans Borg, presidente da Castrolanda e do Coonagro)

“Os associados das cooperativas que formam o Coonagro consomem 1,1 milhão de toneladas de insumos por ano. É um volume bastante significativo, que nos dá força para negociar. O consórcio está aberto, é de nível nacional, e amanhã ou depois mais cooperativas participarão. A nossa preocupação é buscar alternativas para garantir a rentabilidade dos nossos produtores.”

(Alfredo Lang, presidente da C.Vale e vice-presidente do Coonagro)

“O Coonagro chegou para atender às necessidades dos produtores rurais, reduzindo os custos de produção dos cooperados. Trabalhando unidas, as cooperativas terão mais força para negociar ao menor custo possível, com economia e qualidade. É o primeiro passo, pois o Coonagro deverá avançar rumo a novas parcerias e bons negócios para os cooperados.”

(Eliseu de Paula, presidente da Corol e diretor-secretário do

Coonagro)

“A união através das cooperativas vai fazer que consigamos atingir o preço mais justo para os nossos cooperados. É o caminho, é o início da consolidação dessa união de interesse das cooperativas. Nós vamos obter sucesso para repassar aos nossos cooperados.”

(Carlos Murate, presidente da Integrada)

“Por trabalhar sempre no cooperativismo, a gente sempre acreditou na força do coletivo. Uma das frustrações que eu tenho é que nós nunca conseguimos realmente viabilizar uma estrutura mais centralizada de cooperativa. E nós precisamos ter uma estrutura geral porque do outro lado, aqueles que nos vendem, que nos fornecem, estão cada vez mais concentrados. E eu acredito em cooperativa e acredito no coletivo.” **(José Otaviano de Oliveira Ribeiro, presidente da Cofercatu)**

“Eu vejo muitas possibilidades porque nós, como cooperativas, precisamos estar estruturados e organizados na defesa dos interesses e dos custos da produção agropecuária. Vamos participar porque temos certeza a respeito do Consórcio. Todos nós temos os mesmos objetivos: defender os interesses dos produtores, especialmente visando o menor custo de produção. Isso nós vamos conseguir.”

(Valter Pitol, presidente da Copacol)

“O setor de fertilizantes e insumos

está muito concentrado, o fornecimento tem poucas empresas tanto em nível nacional como em nível mundial. Acho que o Consórcio tem tudo para dar certo e é uma resposta a uma ação abusiva dos fornecedores, que subiram novamente os insumos nas últimas safras a ponto de comprometer a viabilidade da produção de grãos em algumas áreas. É uma defesa dos agricultores”.

(Irineu da Costra Rodrigues, presidente da Cooperativa Lar)

“A expectativa é muito grande não apenas em relação aos fertilizantes, mas no que vem junto com isso. Por essência no Paraná nós somos muito fortes da cooperativa para a roça, mas quando se fala da cooperativa para o mercado, nós precisamos melhorar no sentido de unir força, gerar volume. E com volumes em commodities, gerar resultado. Essa é a nossa expectativa.”

(Vilmar Sebold, presidente da Cocari)

“É o primeiro passo para a união das cooperativas aqui do Paraná. Tenho certeza que as lideranças estão preparadas. Esse consórcio veio para ficar e tenho certeza que vai progredir. A necessidade de adubos, tanto aqui como no mundo, tende a aumentar muito. E o Consórcio nos ajudará a ter melhores condições de negociações, gerando benefícios a todos os cooperados.” **(Ricardo Chapla, presidente da Copagril)**



Foto: Arquivo Ocepar

Turbulência no mercado global

Impactos no Brasil e medidas necessárias para evitar a desaceleração do setor produtivo são debatidos em eventos da Ocepar. Especialistas afirmam: momento é de cautela

Quais os prováveis impactos da crise econômica dos Estados Unidos para o Brasil? Como as cooperativas podem se proteger dos efeitos da turbulência internacional? Que medidas o governo brasileiro pode tomar para evitar a falta de crédito e a desaceleração dos investimentos? Esses e outros questionamentos foram debatidos em dois eventos promovidos pelo Sistema Ocepar em Curitiba. Em 9 de outubro, o

Fórum Financeiro e de Mercado reuniu executivos e técnicos de cooperativas do Paraná, e nos dias 13 e 14 foi a vez do Fórum dos Presidentes discutir as causas e os desdobramentos da crise, com a presença de 60 dirigentes cooperativistas. “O objetivo foi ter um entendimento aprofundado da crise, suas conseqüências para a economia e os riscos aos investimentos do setor produtivo”, explicou o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski.

Na avaliação do dirigente, a economia brasileira está numa boa situação em relação ao controle de inflação e reservas internacionais. “Mas é evidente que precisamos ter muita cautela neste momento, evitando precipitar-se em relação a novos investimentos”, resume. “Sabemos que o momento é delicado, mas é importante ter tranquilidade para enfrentá-lo e sairmos lá na frente com vantagens, porque o Brasil hoje está

muito mais preparado para turbulências econômicas", prosseguiu.

O dirigente lembra que "ter cautela" foi o recado que os analistas deram durante os fóruns realizados pela Ocepar. "É fundamental que haja neste momento muito cuidado. Aqueles investimentos de médio e longo prazo que estavam previstos devem ser revistos, sem trauma, com calma, pois é preciso reduzir os custos naquilo que for possível", observou.

Sem razões para pânico – Evitar o pânico é o primeiro conselho do especialista em economia rural e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Eugenio Stefanelo. No Fórum Financeiro, Stefanelo proferiu palestra para executivos das cooperativas paranaenses sobre o tema "Análise dos Impactos da Crise Internacional para o Agronegócio".

Ele iniciou sua apresentação mostrando que as principais razões da crise que se abateu sobre o mundo estão ligadas à especulação (volatilidade do dinheiro que gira pelo mercado financeiro) e à incapacidade do Banco Central americano de controlar esse mercado. Explicou que enquanto o PIB (Produto Interno Bruto) mundial tem um valor real anual de US\$ 55 trilhões, o sistema financeiro movimenta de US\$ 1,5 a US\$ 2,00 trilhões por dia, "o que é incoerente com a base da economia (ativos reais)".

Um dos problemas no Brasil, explicou Stefanelo, é a necessidade de atrair capital para rolar a dívida interna, para isso praticando uma taxa básica real de juros de 7,1%, o que tem atraído capital especulativo e contribuído para a redução da taxa de câmbio. Os principais países desenvolvidos praticam uma taxa básica de juros de 0 a 2,5%, enquanto as maiores taxas do mundo (com exceção do Brasil) situam-se em 2,95% ao ano.

Na avaliação do professor, a crise afetará também os preços das commodities agrícolas, mas não de forma dramática. Há várias razões para isso, entre as quais a redução do consumo mundial de alimentos e a provável saída dos especuladores (fundos financeiros) do mercado de cereais. Segundo ele, esses fundos eram responsáveis por entre 40 a 50% na formação dos preços das commodities. Na



Foto: Assessoria Ocepar

Para o economista, cotação das commodities continuará acima da média histórica

Preços vão reagir, diz França Júnior

A queda dos preços das commodities agrícolas vai ser revertida depois que a turbulência atual passar. A avaliação é do economista da Consultoria Safras e Mercados, Flávio Roberto de França Júnior, um dos palestrantes do Fórum Financeiro e de Mercado, que fez uma análise das perspectivas diante da crise internacional. "Não é o fim dos tempos. Os preços têm condições de reagir. Dificilmente vão chegar ao pico que tivemos no auge da especulação, em junho e julho deste ano, mas não vão recuar para a média histórica." Para França Júnior, embora a demanda fique menos agressiva em 2009, não haverá quedas expressivas no consumo. "Os estoques mundiais vão permanecer em patamares apertados", indicou. "Passada a turbulência, as cotações da bolsa devem recuperar força e o dólar estará mais estabilizado. Os preços das com-

modities permanecerão acima da média histórica", enfatizou. "Mas não se pode prever quando a turbulência irá passar", complementou.

De acordo com o economista, a produção brasileira de grãos vai manter-se em crescimento, ainda que em ritmo mais lento. "No caso da soja estimo uma alta de 3% na safra 2008/2009, que ficará próxima a 62 milhões de toneladas. É fundamental que tenhamos uma boa colheita, para que os agricultores possam diluir os altos custos, principalmente com fertilizantes e defensivos", afirmou. Segundo ele, o temor maior é com respeito à escassez de crédito. "É uma crise do setor financeiro, o que diminui os recursos disponíveis e se reflete na economia real, que precisa de dinheiro para financiar seus projetos e continuar crescendo", concluiu.

soja, por exemplo, Stefanelo não acredita que o mercado voltará a pagar US\$ 16,7/ bushel (melhor preço alcançado até hoje), mas também não deverá cair num valor insignificante. O trigo poderá ter seus preços ao produtor melhorados em função da falta de crédito de financiamento no mercado mundial, o que obrigará os moinhos a se voltarem para o produto nacional, aumentando a procura e, em consequência, os preços.

"Quem tem dívida em dólar não se desespere, fique como está", aconselhou. Nesse momento, o pânico pode ser a pior decisão, pois a taxa de câmbio deve

voltar a um patamar mais confortável. O agricultor deve enfrentar a crise que vem aí com a redução de investimentos e custos e adotar a venda parcelada da safra para conseguir um preço médio. "Vendas parceladas e distribuídas no tempo", frisou. A prioridade deve ser o pagamento de dívidas e a recomposição do fluxo de caixa. Às empresas do agronegócio e cooperativas o conselho é o mesmo: adequar os projetos de investimentos, fazer a comercialização mais espaçada, diversificar mercados e preparar-se para desarranjos no setor. "É preciso reforçar o fluxo de caixa", disse. ▶

Dólar fica próximo a R\$ 2, indica Juan Jensen

"A restrição de crédito e a saída de capital estrangeiro estão pressionando o câmbio. O movimento atual não reflete os fundamentos econômicos do Brasil. Quando a poeira baixar, a taxa volta a operar em torno de R\$ 2", afirmou o economista Juan Pedro Jensen Perdome, da Tendências Consultoria Integrada. Segundo ele, a retomada vai ocorrer, "mas o prazo para isso acontecer é incerto",

Foto: Assessoria Ocepar



Perdome: diminuição do ritmo de crescimento em 2009

adverte. "Estamos no pior momento da crise".

Para Jensen, quando a turbulência passar, o câmbio tende a estabilizar, "mas dificilmente teremos taxas abaixo de R\$ 1,60", indica. Na opinião do economista, a crise se reflete no Brasil principalmente sobre o crédito, porém outras consequências poderão surgir no decorrer de 2009. "Teremos uma desaceleração e as em-

presas vão investir e contratar menos. O mercado de trabalho, que hoje está aquecido, com salários em alta e redução de desemprego, vai arrefecer no ano que vem", afirmou o economista em palestra no Fórum Financeiro e de Mercado. "A economia fechará 2008 em alta, mas no próximo ano podemos esperar diminuição do ritmo de crescimento", concluiu.

Pense duas vezes antes de investir, alerta Blanche



Foto: Assessoria Ocepar

Segundo consultor, economia mundial passará por severos ajustes

"As empresas e cooperativas que já possuem de 15% a 20% dos investimentos planejados comprometidos devem continuar com seus planos, mas antes de retomar ou iniciar um novo investimento, pense duas vezes, deixe a crise atual acalmar, pois ainda há muita volatilidade". O conselho é do consultor Nathan Blanche, diretor da Tendências Consultoria Integrada que falou sobre a

crise e os reflexos para a economia brasileira, durante o Fórum dos Presidentes.

Apesar da cautela, Nathan Blanche disse estar otimista quanto à superação da crise. "Este momento de volatilidade é passageiro e está ocorrendo um ajuste sério e severo no mundo. Além disso, o Brasil fez a lição de casa e, diferente do que aconteceu em crises anteriores, o país está mais aberto e

saneado, e suas instituições financeiras estão mais fortes", diz. O consultor comentou ainda que o setor de agronegócio foi menos afetado pela crise em comparação a outros setores, como o imobiliário e o automobilístico. "O setor produz e comercializa produtos de primeira necessidade que, independente de crise, continuarão a ser consumidos", afirmou.

Retomada será mais forte no Brasil, acredita economista do BB

“Nossa retomada será mais forte que o ajuste. O cenário de perda de dinamismo na economia mundial deve ser revertido em três anos. Vai ocorrer uma desaceleração, mas o Brasil é um dos países mais produtivos do mundo e seu crescimento acontecerá principalmente nos setores da agricultura, construção civil e comércio exterior”, afirmou o economista-chefe do Banco do Brasil, Uilson Melo Araújo, em sua palestra sobre os impactos da crise durante o Fórum dos Presidentes. “Estamos tendo problemas de liquidez, mas em nenhum momento falamos de insolvência”, lembrou. Segundo ele, o país deu passos fundamentais na condução das políticas macroeconômicas. “Nossas instituições



Foto: Assessoria Ocepar

Uilson Melo Araújo: perdas na economia mundial devem ser revertidas em três anos

estão fortes e não há espaço no Brasil para medidas populistas”, afirmou. Araújo projeta um câmbio mais estável nos próximos meses. “Quando a turbulência amenizar, teremos uma taxa na casa de R\$ 1,90”, estimou.

Para Araújo, a China, que chega ao final deste ano com reservas de US\$ 2 trilhões, pode ter um papel importante na recuperação da economia mundial. Segundo o conferencista, o gigante asiático já é o segundo maior exportador

do mundo e até 2013 pode chegar ao primeiro lugar “A China é o país que mais contribui para o crescimento da produção mundial”. Embora também possa ser muito prejudicada com a desvalorização do dólar, “a China tem um papel estratégico e não seria surpresa se numa dessas ações conjuntas (de reorganização da economia), o país viesse a contribuir para eliminar essa incerteza ou financiar a saída dessa crise”, finalizou o economista do Banco do Brasil.

Dirigentes avaliam desdobramentos da crise

“O setor agropecuário, mesmo sem a crise, já vivia um momento de preocupação por conta do alto custo dos fertilizantes e da ração animal. A crise chegou e agravou os problemas. É uma situação que exige muito cuidado na condução dos investimentos. O consumo mundial de alimentos pode sofrer queda, com redução de preços das commodities. O Brasil está em boa condição macroeconômica e vamos superar essa turbulência. Mas, os próximos dois anos exigirão cautela e prudência.” (**Paulino Fachin, presidente da Coasul**)

“A crise está afetando a economia em escala mundial. Porém, acredito que no setor de alimentos os efeitos serão menores. Mesmo assim, é preciso se precaver contra as consequências de uma provável queda de demanda e preços das commodities. O fundamental nesse momento é reduzir custos, sejam industriais ou de logística. Por enquan-

to, as vendas seguem aquecidas, mas é necessário estar pronto para os reflexos da crise.” (**Renato Bezeze, presidente da Confepar**)

“A crise é ampla e vai atingir todos os setores da economia mundial. Penso que o momento é de cautela e muita responsabilidade tanto na administração das cooperativas como das propriedades rurais. É preciso prudência e muito planejamento administrativo antes de realizar novos investimentos. O Brasil tem condições de superar a crise, que esperamos seja breve e passageira.” (**Dilvo Grolli, presidente da Coopavel**)

“Temos ainda muita turbulência pela frente. O setor plantou uma safra extremamente cara, com elevados custos de produção, e deverá fazer uma colheita a preços de venda muito baixos. É um agravante que nos deixa preocupados. Com a crise, pisamos no freio no que diz

respeito a novos investimentos, mas os projetos em andamento não serão interrompidos. É um momento difícil, que exige cuidados, porém continuamos otimistas quanto ao futuro. O cooperativismo e o Brasil vão superar este período conturbado.” (**Albert Salomons, presidente da Capal**)

“O mercado agrícola encontra-se paralisado, com um quadro de desconfiança geral entre compradores e vendedores, onde ninguém tem certeza da real situação econômica do outro. É preciso ter em mente a necessidade da prática da prudência e da cautela, e realizar somente os investimentos inadiáveis, ou seja, os necessários. Por sua vez, quem estiver mais capitalizado poderá sair com perdas menores e quem estiver com problemas financeiros, certamente terá mais dificuldades para sair da crise.” (**Aroldo Gallassini, presidente da Coamo**)

Preocupação com crédito e investimento

As equipes técnicas e econômicas da Ocepar acompanham com atenção a turbulência econômica, "para perceber a real dimensão da crise e buscar formas de reduzir o seu impacto no setor cooperativista", explicou o superintendente adjunto Nelson Costa.

"Temos que avaliar como ficam os atuais investimentos e quais são as perspectivas para os projetos novos. Também há uma grande preocupação com a falta de recursos", afirmou. Segundo ele, a maior dificuldade é para quem precisa de capital no curto prazo, já que os insumos para a safra de verão, que está sendo plantada, já foram comprados e devem ser quitados com os recursos de custeio liberados pelo governo, a taxas compatíveis.

Um dos primeiros reflexos da crise mundial foi percebida nos preços das commodities agrícolas. Segundo levantamento da Ocepar, os preços futuros da soja na Bolsa de Chicago (CBOT) reduziram 40% em três meses, o milho 42% e o trigo 28%. Além dessa queda acentuada, ainda há muita incerteza no setor produtivo brasileiro em relação à efetiva execução da política de garantia de preços mínimos e custeio da produção. As preocupações do setor incluem ainda o aumento da oferta de produtos no mercado interno pelas dificuldades de exportações, fator que poderá provocar a queda dos preços.

Apesar das preocupações, as cooperativas paranaenses esperam que o governo brasileiro tome algumas medidas para reverter os reflexos já causados pela crise e também para proteger o setor de futuros problemas. Uma dessas medidas seria garantir recursos para financiamentos dos custeios, investimentos em execução e principalmente o processo de comercialização, tanto interna como externa.

Na opinião do presidente da Ocepar, neste momento de crise, mais do que nunca o governo precisa dar todo suporte necessário ao setor produtivo. "O agronegócio tem condições de responder rapidamente se for apoiado adequadamente", ressaltou.



Foto: Arquivo Ocepar

Ocepar e cooperativas reivindicam medidas para evitar falta de recursos para custeio e investimento agrícola

Cooperativistas se reúnem com ministro

Líderes e representantes de cooperativas agropecuárias se reuniram, no dia 11 de novembro, com o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, para tratar dos impactos da crise financeira internacional no agronegócio e apresentar sugestões do setor para mitigar os efeitos gerados por esse momento de turbulências, além das ações já adotadas pelo governo federal. A audiência aconteceu na sede do ministério, em Brasília (DF). Entre o grupo de aproximadamente 30 cooperativistas, representando diversos setores agropecuários, estavam o presidente e o vice-presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas e Ronaldo Scucato, respectivamente, e o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski.

Durante o encontro os cooperativistas listaram, inicialmente, pontos prioritários que visam ampliar a oferta de recursos para custeio e comercialização, diminuir o risco sobre os empréstimos concedidos através de garantia de renda e fazer com que os agentes financeiros sintam confiança

no setor produtivo para operacionalizar as linhas de financiamento, e, por consequência, reduzam as atuais restrições de acesso a crédito. Os cooperativistas consideram fundamental, por exemplo, a reavaliação e liberação das garantias excedentes para utilização em novas operações de crédito, especialmente garantias proporcionais ao montante já liquidado de dívidas antigas, como Pesa, Recoop e Securitização; e a alocação de recursos para financiamento de capital de giro às cooperativas. Também foi destacado a necessidade de adiantamento sobre Contrato de Câmbio (ACC), comercialização e custeio da safra 2008/09 e a correção dos preços mínimos. Além disso, a formalização do Programa de Capitalização das Cooperativas Agropecuárias (Procap-Agro); o direcionamento de recurso do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) às cooperativas agropecuárias e de crédito e a agilização na liberação dos créditos tributários junto ao governo também estavam na lista de prioridades.



RPC



Sistema
Ocepar

Fescoopar Ocepar Sescoop-PR

HEADS

250
COOPERATIVAS

5000
MIL
COOPERADOS

MAIS DE 1 MILHÃO
DE POSTOS DE TRABALHO
BENEFICIANDO DIRETAMENTE
2 MILHÕES
DE PARANAENSES.



COOPERATIVAS
ORGULHO
DO PARANÁ

Cooperativas. Milhares de números, milhares de sonhos, um só desafio: gerar felicidade.

COAGRU
Avicultores Irmãos Melo



Foto: Assessoria Coagru

Aviários novos de cooperados da Coagru: crise não interrompe planos de diversificação e geração de renda

Cooperativas

mantêm investimentos

Projetos avícolas da Cocari, Coagru e Coasul estão estimados em mais de R\$ 300 milhões

Que a crise financeira mundial terá impacto também nas exportações de commodities ninguém tem dúvida. Mas três cooperativas paranaenses que decidiram entrar na avicultura continuam acreditando na superação da crise nos próximos dois anos e por isso não abandonaram seus projetos. Em Mandaguari, a Cocari, cujos ativos

cresceram 77,4% entre 2003 e 2007, modernizou estruturas e mantém a decisão de iniciar as obras do frigorífico de aves ainda em 2009. Em São João, a Coasul já obteve a liberação de R\$ 35 milhões para as obras do abatedouro e aguarda a aprovação de linha de financiamento de aproximadamente R\$ 63 milhões para a construção dos aviários dos associados.

E em Ubitatã, a Coagru prossegue a construção de um frigorífico. Juntas, essas cooperativas devem investir mais de R\$ 300 milhões em projetos de avicultura. E a crise? “Nas crises deve-se fazer o planejamento para dar o start no momento adequado”, afirma Vilmar Sebold, presidente da Cocari.

Agregar valor – Recentemente

a Cocari anunciou seus investimentos num projeto de avicultura, que vai alterar significativamente a economia da sua área de ação. O empreendimento, com capacidade inicial de abate de 100 mil aves/dia - foi projetado para atingir 320 mil aves/dia - já obteve a adesão de 100 produtores interessados na integração. O abatedouro e a fábrica de ração exigirão investimentos de R\$ 100 milhões, além de R\$ 15 milhões necessários para a construção de aviários. Para isso a cooperativa tem uma linha de financiamento pré-aprovada no BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul) e no BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), cujos recursos serão repassados para os associados através do Sicredi. Enquanto a cooperativa aguarda o momento certo para iniciar a construção do frigorífico - provavelmente no primeiro semestre de 2009 - os cooperados entregarão o frango para a Frangobrás, de Campo Mourão. "Já temos integrados com pintainhos, prontos para produzir", relata o presidente.

Embora o projeto de avicultura da Cocari possa demorar mais do que o estimado inicialmente para ser concluído, o mesmo não ocorre com as obras de ampliação e melhorias na estrutura de

recepção da safra. Para se adequar a um período de bom crescimento nos últimos anos, a cooperativa conclui até o primeiro semestre de 2009 investimentos de R\$ 30 milhões em diversos setores e entrepostos. Com sede em Mandaguari, Noroeste, e atuando através de nove regionais nos municípios entre Marialva e Ortigueira, a Cocari é, segundo o ranking da revista Exame de 2008, a 62ª empresa do Paraná. É uma das 15 cooperativas do Paraná a integrar o ranking das mil maiores empresas brasileiras em 2007, com um faturamento de aproximadamente R\$ 450 milhões e crescimento de 28,5% no ano.

Noroeste e Sudoeste - A Coagru, de Uiratã, no Noroeste paranaense, fez uma *joint venture* com o frigorífico Big Frango e está investindo R\$ 45 milhões em um abatedouro e fábrica de ração. Metade desse valor são recursos próprios. As obras devem ficar prontas até o final do próximo ano, quando a unidade passará a abater 80 mil aves por dia - volume que poderá ser ampliado para 160 mil e, em cinco anos, para 360 mil/dia. A crise não altera o plano de investimentos da cooperativa, pelo menos por enquanto. Os equipamentos a serem importados, ao custo de R\$ 20 milhões, só devem ser adquiridos em meados do próximo ano, quando as obras

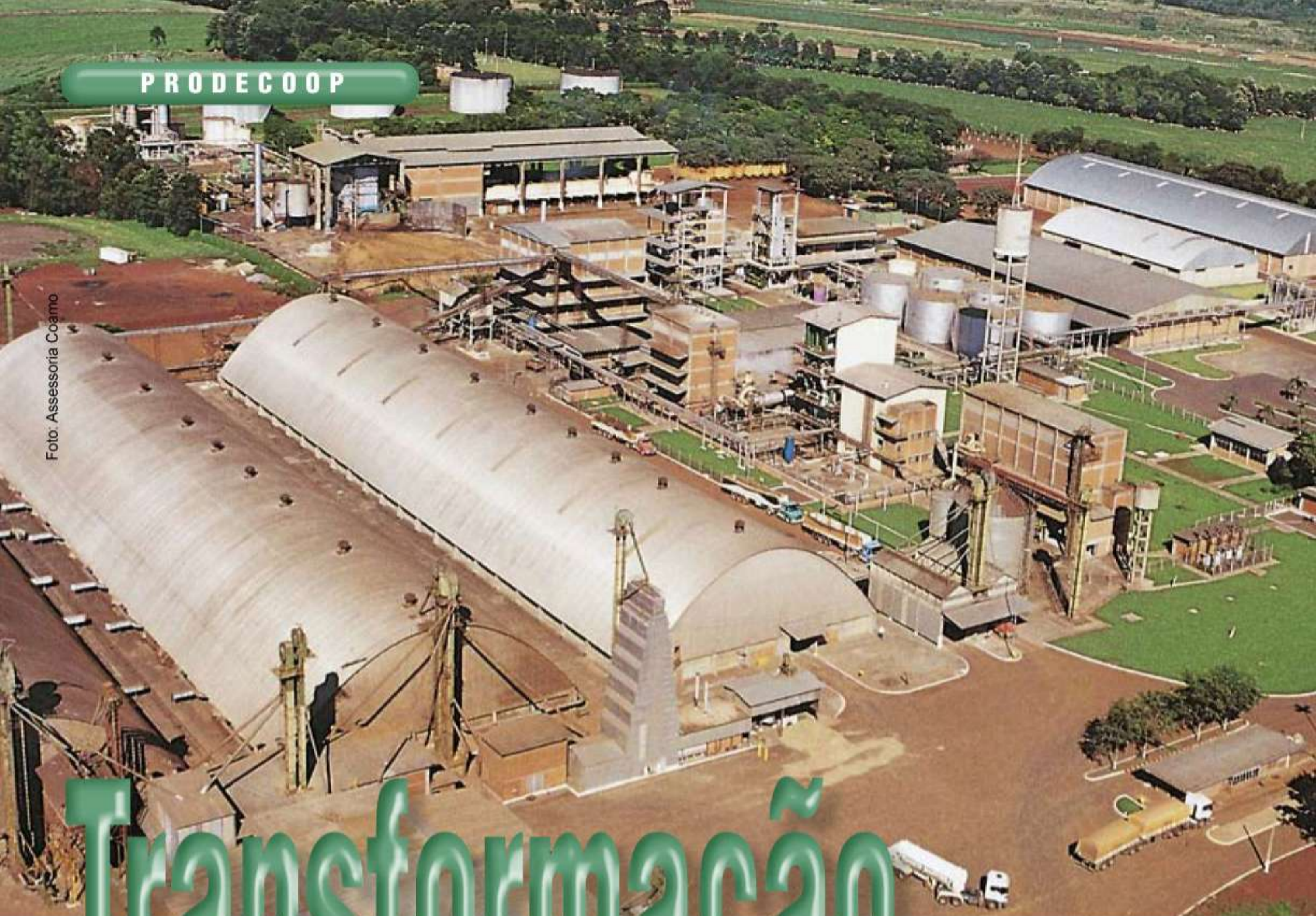
do frigorífico estiverem prontas. "Não há previsão de parar, temos uma programação feita e acreditamos que a economia vai se estabilizar", afirma o presidente da Coagru, Áureo Zamprônio. A cooperativa tem uma previsão de faturamento de R\$ 240 milhões para este ano.

Também a Coasul, de São João, no Sudoeste do estado, resolveu investir na avicultura, devendo aplicar R\$ 84 milhões na construção de um abatedouro de aves e fábrica de rações. Já obteve a liberação de R\$ 35 milhões do BNDES/BRDE e assinou, em outubro, novo contrato nesse valor, totalizando R\$ 70 milhões. Os R\$ 14 milhões restantes são recursos próprios. Está negociando também junto ao BNDES/BRDE o financiamento de 180 aviários aos avicultores integrados, que custarão aproximadamente R\$ 63 milhões. O presidente da cooperativa, Paulino Fachin, afirma que a atual crise não altera a decisão da cooperativa nesses projetos. Ele acredita que a turbulência deve passar até 2010, ano em que as obras do frigorífico estarão concluídas. Até lá, os frangos produzidos pelos associados serão entregues à Coopavel. A Coasul, que segundo o ranking da revista Amanhã é a 85ª maior empresa do Paraná, deve fechar esse ano com um faturamento de R\$ 370 milhões. ■



Foto: Assessoria Cocari

Primeiros pintainhos em novo aviário de cooperado da Cocari: frigorífico abaterá 100 mil aves/dia



Transformação no campo e na cidade

Em seis anos, programa repassou mais de R\$ 740 milhões às cooperativas paranaenses e impulsionou o processo de industrialização do setor

O trabalho de terraplanagem está concluído e operários iniciam as obras do que virá a ser o futuro abatedouro de aves da Coasul. Em dois anos, o complexo avícola vai estar gerando mais de 1000 empregos diretos e beneficiando cerca de 200 cooperados. Localizado na região Sudoeste, no município de São João, que tem cerca de 12 mil habitantes, o empreendimento terá forte impacto na economia local e regio-

nal. A cooperativa conseguiu captar R\$ 14 milhões em recursos próprios junto a seus associados, o que seria insuficiente para viabilizar o projeto, que demanda um investimento total de R\$ 84 milhões. A Coasul recorreu então ao Programa de Desenvolvimento para Agregação de Valor à Produção Agropecuária (Prodecoop). Com aportes de R\$ 70 milhões nos próximos dois anos - R\$ 35 milhões a cada ano-safra - a agroindústria cooperativista está garantida. “O abatedouro de aves é um projeto fundamental para a expansão da cooperativa. Sem os aportes do Prodecoop, a viabilização do empreendimento demoraria muito mais tempo para acontecer”, afirma o presidente da Coasul, Paulino Fachin.

A exemplo do empreendimento

da Coasul, outros 97 projetos de 30 cooperativas paranaenses foram ou estão sendo viabilizados com os recursos do Programa. De acordo com dados do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), da safra 2002/03 a 2008/09, os repasses no estado foram superiores a R\$ 744 milhões. “O Prodecoop é um importante indutor de desenvolvimento da agropecuária brasileira. No Paraná, desde que foi criado, o Programa está contribuindo de forma decisiva para a expansão agroindustrial das cooperativas, que agregam valor à produção primária, geram mais renda, empregos e benefícios às regiões em que atuam”, afirma o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski.



Primeiro contrato do Prodecoop no Paraná destinou recursos para modernização e ampliação do parque industrial da Coamo, em Campo Mourão

Os resultados do Prodecoop podem ser medidos pelo expressivo aumento de empregos nas cooperativas do Paraná. “De 2002 a 2008, mais de 20 mil ocupações diretas foram geradas e o número de postos de trabalho saltou de 550 mil para 1,1 milhão. Com o processo de agregação de valor, o faturamento obtido através de produtos industrializados cresceu 220%, subindo de R\$ 2 bilhões para R\$ 6,4 bilhões”, demonstra o gerente técnico e econômico da Ocepar, Flavio Turra.

Inadimplência próxima a zero – Criado para incrementar a competitividade agroindustrial das cooperativas brasileiras, por meio da modernização dos sistemas produtivos e de comercialização, o Prodecoop utiliza recursos do Governo Federal administrados pelo BNDES, que podem ser operacionalizados por bancos regionais de fomento. As cooperativas contratantes têm até 12 anos para pagar o financiamento, a juros anuais de 6,75%. O Programa visa o financiamento de projetos, tecnologias, obras, instalações, treinamen-



Foto: Assessoria Coasul

Aviário em construção no interior de São João: mais de 200 cooperados serão beneficiados por projeto agroindustrial da Coasul

tos, despesas pré-operacionais e capital de giro associado ao investimento.

Em seis anos-safra, o Prodecoop já repassou ao setor R\$ 1,66 bilhão, utilizados na construção de indústrias e armazéns e compra de equipamentos. O Paraná é o estado que mais contratos realizou, com a captação de 45% do total financiado no país. A maioria absoluta dos repasses no estado são realizados através do BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul), que responde por R\$ 729 milhões do montante contratado. “Desde que iniciou suas atividades, na década de 60, o banco sempre atuou como um aliado do cooperativismo. Há 40 anos as cooperativas são prioridade para a instituição, pois os investimentos nesse setor trazem grande retorno em empregos e geração de renda e oportunidades”, explica o superintendente do BRDE no Paraná, Carlos Olson. “Os recursos do Prodecoop contribuem de forma decisiva para a ampliação da competitividade das cooperativas. A inadimplência é próxima a zero. O setor demonstra confiabilidade e segurança na gestão financeira”, ressalta.

Aumento do limite de crédito – O Prodecoop tem como teto para financiamentos o valor de R\$ 35 milhões por ano-safra (julho a junho), limite que pode ser elevado em até 100% quando destinado a empreendimentos da cooperativa contratante em outras unidades da federação ou realizados por uma central

cooperativa. Em projetos que demandam investimentos mais elevados, os repasses são efetuados anualmente de acordo com a previsão de conclusão das obras. “Contratamos financiamento de R\$ 70 milhões, divididos em duas parcelas de R\$ 35 milhões, uma a cada ano-safra. Em dois anos os trabalhos deverão estar finalizados”, explica o presidente da Coasul.

A Ocepar e as cooperativas defendem um limite maior de crédito para o Prodecoop. “As crescentes exigências do mercado impõem a necessidade de ampliação dos investimentos agroindustriais. Muitos desses empreendimentos demandam montante de recursos superior ao atual teto do Programa. Nossa proposta é aumentar o limite para R\$ 70 milhões”, afirma Koslovski. “Seria um acréscimo de recursos importante para o setor cooperativista e viabilizaria plantas industriais de maior escala, mais modernas e especializadas”, indica.

Crise não pode parar investimentos – Dirigentes e analistas são unânimes em defender a manutenção e ampliação dos recursos do Prodecoop. “É claro que a crise econômica exige dos administradores uma atitude mais cautelosa, mas os investimentos não podem parar e os recursos de programas de desenvolvimento precisam ser ampliados, pois impulsionam a economia regional e do país”, conclui Koslovski. ▶



Foto: Assessoria C. Vale

Complexo avícola da C. Vale, em Palotina: estímulo ao desenvolvimento regional

Programa foi lançado em 2002

A expansão agroindustrial das cooperativas está ajudando a transformar o interior do Paraná, agregando valor à atividade primária, gerando emprego e renda no campo e nas cidades. Os investimentos crescem a cada ano, mas nem sempre foi assim. Durante os anos 80 e 90, o setor sentiu os efeitos da inflação e dos sucessivos períodos de recessão da economia brasileira. De capital fechado, as cooperativas não podem captar recursos em bolsa, dependendo da capitalização de seus cooperados que em sua maioria - cerca de 70% - são pequenos produtores rurais. Ficava difícil avançar em projetos agroindustriais, que exigem aportes elevados para a construção e aquisição de equipamentos e treinamento de mão-de-obra.

O quadro começou a se modificar em 2002, quando a proposta da Ocepar e das cooperativas do Paraná foi levada à OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), que abraçou a causa e passou a reivindicar junto ao governo medidas que pudessem

fomentar a industrialização do setor. Em julho de 2002, o então ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, anunciou a criação do Prodecoop. No mês de dezembro, o primeiro contrato foi assinado no Paraná, tendo o BRDE como agente financeiro, destinando R\$ 5,5 milhões em recursos para a Coamo, visando a construção e melhorias em armazéns e silos da cooperativa, além da modernização das plantas industriais de margarina e óleo de soja. Ao fim daquele ano-safra, a Coamo captou um total de R\$ 20 milhões do Prodecoop. Também foram selados contratos com as cooperativas Lar, Camisc, Coasul e a central Cotriguaçu. "A agroindustrialização é a transformação que todos esperamos. Tenho convicção de que o programa dará certo, fixará mais pessoas no interior, dinamizando a economia dos municípios e trazendo melhores condições de vida no campo e nas cidades", disse o presidente Koslovski durante o lançamento do Prodecoop no Paraná, em dezembro de 2002.

Saiba mais...

R\$ 1,66 bilhão

é o total de recursos repassados pelo Prodecoop no Brasil

R\$ 744,26 milhões

é o total de recursos destinados ao Paraná pelo Programa

R\$ 729 milhões

é montante operacionalizado no estado pelo BRDE

30

cooperativas paranaenses já captaram recursos via Prodecoop

R\$ 35 milhões

a cada ano-safra é o limite de recursos por cooperativa

12 anos

é o limite para quitação do financiamento

6,75%

ao ano é o juro atual nos contratos do Programa

220%

foi o aumento do faturamento gerado por produtos industriais no período de 2002 a 2008

Fonte: BRDE e GETEC

Escolha mais sabor. Escolha Purity.

A vida fica mais gostosa quando você saboreia os bons momentos. Como beber Purity, que traz em cada caixinha todo o sabor da fruta e os benefícios da soja. Escolha mais sabor.

Escolha Purity.



www.cocamar.com.br



Encontro Estadual reúne secretárias de cooperativas

Mais de 50 profissionais de secretariado participaram de evento em Curitiba que debateu temas como inteligência emocional e organização pessoal

Mais de 50 profissionais que atuam em cooperativas do Paraná reuniram-se em Curitiba, nos dias 9 e 10 de outubro, no Encontro Estadual de Secretárias. Organizado pelo Sescop-PR, o evento teve como objetivo debater temas como inteligência emocional e organização pessoal, além de promover o intercâmbio e a troca de informações e conhecimento entre as participantes. O Encontro foi aberto pelo superintendente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken, que enfatizou a importância das secretárias dentro

das organizações cooperativistas, “pois são as profissionais que mantêm contato com os clientes internos e externos, auxiliam e apóiam o trabalho de dirigentes e gerentes. É fundamental que estejam motivadas, treinadas e preparadas”, afirmou.

Durante o primeiro dia do Encontro, a palestrante Kelley Cristina Lara dos Anjos, abordou as seguintes questões: a importância da organização pessoal; produtividade no trabalho; o uso da agenda e outras ferramentas de produtividade; como fazer planejamento por meio de

mapas mentais; organização de arquivos pessoal e de trabalho; e organização eletrônica. A programação encerrou com um jantar e apresentação do mímico Everton Ferre.

Qualificação – A inteligência emocional, fator que pode contribuir para otimizar o trabalho em equipe, solucionar conflitos interpessoais, auxiliar nas tomadas de decisões e lidar com perfis heterogêneos, foi o tema do segundo e último dia do Encontro, a cargo da palestrante Bete D’Elia. De acordo com o analista



de Desenvolvimento Humano Leandro Macioski, responsável pelos eventos da área de secretariado do Sescop-PR, o Encontro encerra um ciclo de eventos realizados em todo o Paraná durante o ano. “Além dos cursos e fóruns organizados pelas cooperativas, o Sescop-PR promoveu quatro eventos em Londrina, Cascavel e Curitiba. O objetivo é qualificar e integrar os profissionais, que atuam numa área fundamental para o bom andamento administrativo das organizações cooperativistas”, disse.

Segundo o gerente de Desenvolvimento Humano do Sescop-PR, Leonardo Boesche, no próximo ano os eventos de aperfeiçoamento para o secretariado também vão abranger curso de gestão empresarial. “Módulos que vão incluir técnicas de gestão de negócios, tempo e carreira. É importante que o profissional tenha conhecimentos sobre os processos de mudanças dentro de um contexto empresarial”, concluiu. ■

A opinião das secretárias:



“O Encontro foi muito positivo, porque aliou o conhecimento com a integração e intercâmbio entre secretárias que atuam em diversos ramos do cooperativismo. Felizmente, percebemos uma valorização crescente da profissão, mas também uma exigência cada vez maior por aperfeiçoamento e qualificação. A secretária precisa atuar para que o executivo tenha tranquilidade e a mente livre e criativa, e possa manter-se focado em grandes idéias, fazendo a cooperativa crescer. É um suporte fundamental para todas as organizações empresariais e cooperativas.”

Scheila Barbosa dos Santos
(Unimed Curitiba)



O Encontro é uma oportunidade para a troca de experiências entre as secretárias de diversos ramos. Outro aspecto é a atualização profissional e o aprimoramento, que hoje é muito importante, ainda mais dentro de um cenário mundial em constante mudança. Também entendo que há maior valorização do secretariado nos dias de hoje. Por isso é fundamental ter conhecimento técnico e controle emocional, temas que foram abordados no evento, que propiciou também a possibilidade de refletir sobre a nossa profissão e qualidade de vida.

Adriana Turatto Salla
(Central Sicredi)



As empresas estão tomando mais consciência da importância do profissional em secretariado, mas ainda há muito a ser feito. As pessoas que estão na profissão precisam também contribuir buscando o aperfeiçoamento constante. Muitos não têm cursos na área, não tem pós-graduação ou mesmo graduação. A secretária não é apenas uma atendente de telefone, seu trabalho é cada vez mais abrangente e importante. Por isso as exigências são crescentes, pois os profissionais têm grandes responsabilidades e acabam sendo uma espécie de pára-raios, com muitas demandas e atribuições. É fundamental que tenhamos conhecimento técnico e inteligência emocional para lidar com as pressões do dia-a-dia.

Luana Martins Pereira
(Cocamar)

Gallassini em campanha mundial da Bolsa de Chicago



Numa iniciativa do Grupo CME, da Bolsa de Chicago, onde a Coamo Agroindustrial Cooperativa opera seus negócios internacionais, o diretor-presidente da Coamo, José Aroldo Gallassini, foi escolhido para fazer uma campanha mundial que promove a importância da gestão dos riscos de preços no agronegócio. A peça publicitária está sendo veiculada desde setembro e se estenderá até dezembro deste ano. A propaganda está sendo publicada no Wall Street Journal, no site da Bloomberg (EUA) e no Financial Times (Inglaterra), entre outros veículos de comunicação.

No título da campanha, Gallassini afirma: "Eu colho oportunidades a partir dos riscos". O texto destaca a

efetivação das operações na Bolsa de Chicago para proteção de preços das commodities agrícolas. "Para José Aroldo Gallassini, transformar risco em oportunidade é um hábito. Como presidente da maior cooperativa agrícola do Brasil, a Coamo vai ao Grupo CME para abrandar a volatilidade dos preços e proteger suas posições no mercado global de soja e milho". Para Gallassini, a escolha da Coamo e do seu nome para integrar a campanha mundial foi surpresa e motivo de satisfação. "A Coamo foi a única empresa brasileira escolhida pelo grupo CME para divulgar a Bolsa de Chicago a nível mundial, é um fato inédito que estamos comemorando", frisou.

Agrária lança variedades de cevada durante o WinterShow

O lançamento de duas novas variedades de cevada (BRS Elis e BRS Cauê) e a comemoração de 30 anos do experimento de manejo de solo foram destaques do WinterShow promovido pela Cooperativa Agrária Agroindustrial nos dias 15 e 16 de outubro, no distrito de Entre Rios, em Guarapuava. O WinterShow, um evento técnico tradicional da cooperativa, tem por objetivo difundir as tecnologias relacionadas com as culturas de inverno. Palestras, exposições e visitas às áreas demonstrativas fazem parte das atividades desse evento, que foi realizado com apoio do Sescop-Paraná.

As novas variedades de cevada foram desenvolvidas através de convênio da Agrária com a Embrapa-Trigo, com apoio da AmBev. Numa pesquisa que se estendeu por 10 anos, a Embrapa realizou os cruzamentos em Passo Fundo, enquanto a Fundação Agrária de Pesquisa Agropecuária (Fapa) realizou

ensaios para avaliar as características agronômicas e qualitativas da cevada e do malte. Por fim, a Agromalte produziu o malte experimental para verificar o produto final dos novos materiais.

Durante o WinterShow também foi lançado um boletim informativo que comemora os 30 anos de experimento de manejo de solo em Guarapuava, produzido pelos pesquisadores Sandra Mara Vieira Fontoura (Fapa) e Cimélio Bayer (UFRGS). O trabalho traz um resumo dos resultados apontados pelo experimento ao longo de 30 anos, comprovando as vantagens do plantio direto. Um dos objetivos da publicação foi prestar homenagem ao agrônomo alemão Franz Jaster, que implantou o experimento. Formado pela Universidade de Giessen, Jaster chegou ao Brasil em 1956 e, a partir de 1967, em Entre Rios, participou de programas de cooperação agrícola entre Alemanha e Brasil. Ele implantou e conduziu a pesquisa de manejo até 1992.

C.Vale é destaque nacional em soja

Levantamento realizado pela revista Globo Rural e pela empresa Serasa apontou a cooperativa C.Vale como destaque no segmento soja em 2007. A análise tomou por base dez indicadores de desempenho formulados a partir do balanço contábil de cada empresa, entre os quais receita líquida, rentabilidade e endividamento. A entrega da premiação reuniu o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, o presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia, e lideranças do agronegócio nacional, no dia 20 de outubro, em São Paulo. O presidente da C.Vale, Alfredo Lang, representou a cooperativa. Ele considera o prêmio um reconhecimento ao trabalho dos associados responsáveis pela produção entregue à cooperativa. Para ele, o desempenho é resultado de investimento em tecnologia, assistência técnica e persistência para superar problemas climáticos e de preços. Os dados analisados pela Serasa revelaram que a C.Vale é a 53ª maior empresa do agronegócio brasileiro e a 28ª maior entre as de capital nacional. A cooperativa classificou-se, ainda, como a 14ª maior empresa do agronegócio da região Sul e a 4ª do Paraná.



Secoagro reúne mais de 500 comunicadores

Mais de 500 profissionais de comunicação participaram do Módulo Florestas do Ciclo de Palestras do Secoagro (Seminário Itinerante sobre Comunicação e Agronegócio), realizado em outubro nas cidades de Cascavel, Guarapuava, Curitiba, Ponta Grossa, Maringá e Londrina. O ciclo foi promovido pela Embrapa Florestas e Associação dos Jornalistas em Agronegócio do Paraná (Ajap), com o apoio da Ocepar, Faep, Emater, Iapar, Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Londrina e Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Faculdades das cidades de realização dos seminários também deram seu apoio para o sucesso das palestras.

Dirigido a profissionais e estudantes de jornalismo do Paraná, o Ciclo de Palestras do Secoagro também tem atraído outros profissionais com interesse no tema, como ocorreu em Cascavel. O objetivo do ciclo é debater com os profis-

sionais de comunicação temas atuais de interesse econômico e com viés ambiental. O primeiro ciclo, Módulo Pecuária de Corte e de Leite, foi realizado no primeiro semestre deste ano. O próximo, o Módulo Grãos, será realizado brevemente.

O destaque do Módulo Florestas foi a visita programada à Unidade Monte Alegre da Klabin, que recebeu, alternadamente, cerca de 150 pessoas que haviam participado das palestras realizadas nas diversas cidades. Nestas visitas, que foram patrocinadas pela Klabin, Berneck e Associação Paranaense das Empresas de Base Florestal, os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer todo processo produtivo da cadeia de florestas. A Klabin recebeu visitas das faculdades UEL, UEPG, PUC-PR, Positivo, Facinter, Opet, Unibrasil, Cesumar, Unopar, Fanorpi, além de profissionais de diversos meios de comunicação. Essas faculdades são parceiras na realização dos seminários.

Foto: Arquivo Ocepar



Unimed Paraná: o legado do líder

O sistema Unimed Paraná deve grande parte de sua grandiosidade ao líder e ex-dirigente da Ocepar Manoel Stenghel Cavalcanti, que faleceu no último dia 6 de novembro. Na Ocepar, integrou três diretorias: 1981 a 1983; 1984 a 1986 e 1990 a 1992, além do Conselho de Ética, entre 1987 a 1989. Sua atuação como diretor da Ocepar distinguiu-se pela busca de soluções de consenso. Médico cirurgião, foi professor da Universidade Federal do Paraná, de 1947 a 1989. Presidente da Associação Médica do Paraná, vice-presidente da Associação Médica Brasileira, fundador e presidente da Medipar-Unimed de Curitiba de 1972 a 1986, fundador e presidente da Unimed do Estado do Paraná - Federação Estadual de Cooperativas Médicas, de 1979 a 1990. Foi cirurgião do Inamps de 1950 a 1967.

Cooperativas recompõem mata ciliar nos Campos Gerais

Cerca de 1,8 mil hectares da região agrícola de Castro, nos Campos Gerais, serão recuperados com plantio de espécies nativas. A iniciativa faz parte de um termo de cooperação técnica firmado pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP) com as cooperativas Batavo e Castrolanda.

O IAP fornecerá 60 mil mudas, produzidas nos viveiros do Programa Mata Ciliar, e as cooperativas organizarão o plantio e prestarão assistência técnica aos 1200 produtores beneficiados. As mudas, que irão recuperar as matas ciliares destas propriedades, serão plantadas até o final do próximo ano, quando termina a vigência do termo de cooperação. Mas segundo o chefe do escritório regional do IAP em Ponta Grossa, Reginato Bueno, a intenção é renovar continuamente a parceria para promover a regeneração da cobertura florestal no maior número de propriedades possível. Na Castrolanda

Foto: Assessoria Castrolanda



a prorrogação já está garantida. "As ações ambientais não são fixas, mas sim contínuas, por isso certamente o renovaremos. Nossa ideia é prorrogá-lo até 2013", antecipou Patrícia Lucena, assistente técnica de Meio Ambiente da cooperativa Castrolanda. (AEN).

Paraná perde Max Rosenmann

O deputado federal e integrante da Frente Parlamentar do Cooperativismo no Congresso (Frencoop), o paranaense Max Rosenmann, faleceu no último dia 20 de outubro. Nascido em 1944, em Curitiba, Rosenmann cumpria o sexto mandato consecutivo na Câmara Federal desde a Constituinte de 1986. Nas eleições de 1994, Rosenmann foi o deputado federal mais votado do Paraná, com 90.312 votos. Foi diretor-geral da Casa Civil do Paraná, trabalhou como conselheiro de administração do Banco de Desenvolvimento do Estado do Paraná e ainda como superintendente do Instituto de Previdência do Estado do Paraná (IPE). Foi importante aliado do sistema cooperativista no Congresso.

Maestro faz palestra a cooperados da Unimed Curitiba

No dia 26 de outubro, os médicos cooperados da Unimed Curitiba assistiram à palestra do maestro João Carlos Martins. O encontro, alusivo às comemorações do Mês do Médico, aconteceu no Teatro Positivo e teve a presença de mais de 1500 convidados. O maestro João Carlos, um dos mais renomados pianistas do mundo, contou sua trajetória de vida, as dificuldades e sua dedicação para superá-las. Todos se emocionaram com suas histórias e persistência, e conheceram os detalhes das atividades de inclusão social que realiza por meio do projeto Bachiana Jovem. No encontro, o maestro regeu a Orquestra de Câmara da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), e executou algumas músicas ao piano como "Ave Maria", "Eu Sei que Vou te Amar" e "Luiza".

Foto: Assessoria Unimed Curitiba



Maestro João Carlos e o presidente da cooperativa, Sérgio Ioshii

Biblioteca do Sistema Ocepar

HOLYOAKE, G. J. Os 28 tecelões de Rochdale. Porto Alegre, Unimed Federação do Rio Grande do Sul, 2000. 96 p.

Conforme Edgar Schulze, administrador, dono do original e obreiro da transcrição, este livro é uma reprodução da obra de G. J. Holyake traduzida por Archimedes Taborda a partir de uma versão em espanhol, editada em 1933 no Rio de Janeiro pela Livraria Francisco Alves. Holyoake foi contemporâneo dos 28 tecelões e escreveu a história dos inícios do Cooperativismo moderno cerca de 30 depois da fundação da cooperativa. A presente edição co-editada pela Unimed/RS Federação do Estado do Rio Grande do Sul conserva a ortografia e linguagem do Brasil em 1933, onde encontramos diversas palavras atualmente em desuso. O livro leva o leitor a conhecer a Inglaterra do século XIX, a influência das idéias do socialista Robert Owen que ensinou aos operários a raciocinar sobre as suas relações com os patrões e sobre a necessidade de reforma do ambiente social nas relações capital e trabalho, o longo caminho de trabalho, dedicação, estudo e perseverança percorrido por este grupo de tecelões que fundaram a sociedade, tendo por objetivo

“realizar uma utilidade pecuniária e melhorar as condições domésticas e sociais de seus membros mediante a economia formada por ações de uma libra esterlina....”, fundamento basilar do cooperativismo universal.

WISNIEVSKI, Gilmar. Manual de contabilidade das sociedades cooperativas. Belo Horizonte, Mandamentos, 2004. 463 p.

O Manual é fruto de um longo período de estudo, pesquisa e aplicação prática da legislação cooperativista aliada aos preceitos contábeis realizados por um estudioso competente e interessado. Wisnievski, contador, auditor, perito contábil e professor de cursos de especialização em administração e gestão de cooperativas apresenta um compêndio atualizado com diretrizes práticas, abrangendo: resgate de conceitos e breve histórico da ciência contábil; o adequado tratamento contábil ao ato cooperativo; as normas contábeis e a legislação fiscal; planos de contas para os diversos ramos de cooperativas no Brasil; funções e funcionamento das contas; escrituração contábil; as demonstrações contábeis e a NBC-T 10.8; a tributação das sociedades cooperativas, além de um apêndice legislativo englobando regramentos sobre o Cooperativismo e sobre a

Contabilidade.

(Colaboração: Sigrid U. L. Ritzmann)

A Biblioteca do Sistema Ocepar está à disposição para empréstimo de obras para dirigentes, cooperados e colaboradores de cooperativas registradas na Ocepar. Para as cooperativas localizadas em Curitiba, o empréstimo é por atendimento direto no local. Para cooperativas fora de Curitiba, faz-se necessário que o interessado encaminhe seu pedido via e-mail para sigrid@ocepar.org.br, indicando nome completo, cooperativa, função, telefone e e-mail para contato, responsabilizando-se pelas despesas advindas do envio e devolução das obras via sedex, comprometendo-se com a devolução do livro incólume, bem como aceitação dos prazos estipulados.

Acadêmicos externos (somente de Curitiba e Região Metropolitana) serão atendidos quando a publicação for sobre o assunto “Cooperativismo”, através de empréstimo inter-bibliotecário, ficando a responsabilidade pelo empréstimo a cargo do profissional bibliotecário da respectiva instituição de ensino.

A Biblioteca do Sistema Ocepar está informatizada e seu acervo poderá ser consultado no site da Ocepar, (www.ocepar.org.br) no menu Biblioteca.



Foto: Ocepar

Cooperativistas paranaenses durante visita à Legacoop, importante federação do sistema italiano

As lições de integração do velho mundo

Consórcio, fusões e incorporações fortalecem o cooperativismo europeu

Entre 20 de setembro e 2 de outubro os 26 integrantes do Programa de Formação de Líderes Cooperativistas realizaram viagem técnica à Itália e Alemanha para conhecer a experiência desses países nos diversos ramos do cooperativismo. Nesse período conheceram a Universidade de Bologna - parceira do Sescop, Sebrae e Governo Federal no programa de formação - e cumpriram extensa agenda de contatos com dirigentes e executivos de federações e cooperativas de vários ramos nos dois países. O que a Alemanha e a Itália, países de onde vieram significativa parcela dos imigrantes brasileiros, podem ensinar aos cooperativistas paranaenses? Qual a impressão sobre os sistemas cooperativos visitados? Fizemos essas perguntas a vários integrantes da comitiva, cujas respostas transcrevemos nesta reportagem.

O relatório da viagem técnica à Europa, preparado por Robson Mafioletti e Cassiano Bragagnolo, assessores da Gerência Técnica e Econômica da Ocepar, resume a grandiosidade do cooperativismo desses dois países, movimento que tem presença marcante nos principais setores da economia. Os depoimentos dos integrantes da comitiva mostram que o cooperativismo paranaense assimilou parte da experiência europeia no setor. "Porém, temos muito a evoluir e os principais modelos mundiais devem ser referência para nós, principalmente em relação a fusões e qualificação profissional, nos quais temos que concentrar esforços e recursos", observou o presidente da Sicredi Vale do Piquiri, Jaime Basso.

Cooperativismo italiano – O cooperativismo italiano deu seus primeiros passos entre 1840 e 1850, logo após o

surgimento do movimento dos Probos Pioneiros de Rochdale, na Inglaterra. Antes de 1850 havia 48 sociedades operárias de ajuda mútua, portanto com ideologia cooperativa. Em 1860 essas sociedades somavam 206, concentradas no Piemonte (Torino), Lombardia, Vêneto e Emilia-Romagna. Nessa época também era forte no Tirol, região que pertenceu à Áustria até 1919. O movimento expandiu-se e hoje tem presença marcante em todos os setores da economia italiana, com forte atuação na área social, através de cooperativas de apoio aos que têm necessidades especiais. Palco das cooperativas de crédito tipo Luzzatti que também se expandiram para outros continentes, a Itália tem sido sistematicamente visitada por delegações cooperativistas brasileiras. Mas os resultados de negócios práticos foram poucos.

A movimentação econômica das cooperativas italianas representa 7% do PIB do país, e elas estão muito presentes no setor agroalimentar, de crédito, consumo e serviços, favorecidas pela legislação, que reconhece sua função social e econômica. Os dois principais sistemas são a Legacoop e a Confcooperative.

A comitiva do Programa de Formação de Líderes Cooperativistas teve, durante sua visita à Emilia-Romagna, uma visão geral do cooperativismo italiano, repassada por professores da Universidade de Bologna e por diversos dirigentes de cooperativas visitadas. Destacam-se, pela representatividade, os consórcios Parmigiano-Reggiano e Conserve Itália. O consórcio Parmigiano-Reggiano, que certifica o queijo produzido por 445 cooperativas e laticínios. De longa maturação (18 a 24 meses), um quilo desse queijo exige 16 litros de leite de vaca, cuja alimentação tem que ter, obrigatoriamente, mais de 70% de forragem. O consórcio envolve 4.291 produtores, 244 mil vacas, resultando em mais de 3 milhões de queijos ao ano, cujo faturamento supera 1,4 bilhão de euros.

A Conserve Itália é uma central de 55 cooperativas com atuação na indústria agroalimentar com 17.500 produtores associados. Na Itália, o consórcio movi-



Foto: Ocepar

Comitiva na Universidade de Bologna: informação e intercâmbio

mentou 630 milhões de euros, e outros 372 milhões em outros países. A base de sua atuação são as bebidas de frutas, conservas e frutas frescas.

Cooperativismo alemão – Na Alemanha, a visita começou na Confederação Alemã de Cooperativas, cuja sigla em alemão é DGRV, bem conhecida pelo cooperativismo de crédito brasileiro, com o qual a instituição mantém cooperação. O próprio cooperativismo de crédito brasileiro se inspirou na DGRV, inclusive nos seus sistemas de funcionamento e controle. Na Alemanha, o cooperativismo atua em três setores principais: agricultura (faturamento de 39,1 bilhões de euros); bancário (ativos de 900 bilhões de euros); e de serviços e indústria (faturamento de 100 bilhões de euros). As cooperativas congregam mais de 17,6 milhões de associados. O sistema é organizado através de 7 federações regionais de auditoria, 6

federações especializadas de auditoria e centros regionais e nacional de capacitação.

A curiosidade comparativa entre as economias cooperativistas desses países mostra quanto pode crescer a economia cooperativista brasileira. Como afirmou Ivano Barberini, presidente da Aliança Cooperativa Internacional: “Há um grande movimento cooperativo, mas diante da dimensão do país, da oportunidade e dos problemas, é ainda um pequeno movimento cooperativo”. Os números são claros. Enquanto que o cooperativismo brasileiro movimentou, em 2007, o equivalente a 25 bilhões de euros, as cooperativas italianas que integram as duas principais federações faturaram, nesse período, mais de 110 bilhões de euros. Na Alemanha, as cooperativas agrícolas faturaram 39,1 bilhões de euros; as dos demais setores, excluídas

O que podemos aprender...

- A importância do cooperativismo para o desenvolvimento local e regional. Através da cultura da cooperação os italianos e alemães promoveram o desenvolvimento econômico e social. A região de Emilia-Romagna na Itália, por exemplo, tem seu desenvolvimento baseado no cooperativismo. **(Jaime Basso, presidente da Sicredi Vale do Piquiri)**

- “As cooperativas européias têm por principal objetivo o resultado econômico, que em consequência alcança os aspectos sociais. De maneira geral atingem excelentes resultados a partir do elevado valor agregado que conseguem atribuir aos produtos de seus cooperados, principalmente identificando e criando nichos e oportunidades”. **(Divanir Higino da Silva**

- diretor secretário da Cocamar)

- “Elevado grau de integração entre cooperativas; atuação com produtos de alto valor agregado; atuação em nichos de mercado”. **(Ivo Carraro, diretor executivo da Coodetec)**

- “A organização dos sistemas cooperativos, a forma de abordagem e posicionamento de mercado. A aliança do sistema cooperativo - com a universidade, poder público, entidades privadas - de forma a conduzir o processo de desenvolvimento de forma integrada”. **(Marco Antonio do Prado - Gerência Corporativa – Castrolanda)**

- “Primeiro, as cooperativas agrícolas, onde observamos uma forte tendência para a industrialização,

principalmente quanto a formação de consórcios para viabilizar novos negócios. Depois, no ramo crédito, onde as cooperativas estão passando por um processo de fusões e incorporações, para formar cooperativas fortes para competir num mercado altamente competitivo. **(Adilson Roberto Fuga, diretor executivo da Capal)**

- “A ideologia pela preservação das marcas regionais e qualidade, buscando sempre agregar valor em seus produtos, em toda a cadeia produtiva, desde a produção até a distribuição. Em alguns casos fortalecendo a sua marca sem a preocupação de aumento de escala. **(Antonio Carlos Campos – Gerente geral da Cooperativa Batavo)**

as de crédito, faturaram 26,2 bilhões de euros; e os bancos cooperativos fecharam o ano com ativos superiores a 900 bilhões de euros.

Cooperação gera bons negócios –

Como o objetivo do Programa de Formação de Líderes Cooperativistas do Sistema Ocepar é preparar líderes capazes de gerir suas instituições cooperativistas com visão dos mercados globalizados, a revista Paraná Cooperativo fez duas perguntas a alguns dos participantes da viagem. A capacidade de união das pequenas cooperativas em consórcios e centrais foi um dos pontos que despertou a atenção dos cooperativistas paranaenses.

Para o analista da Gerência Técnica



Foto: Ocepar

Paranaenses visitaram indústrias de cooperativas e conheceram os sistemas de comercialização das cooperativas

e Econômica da Ocepar, Robson Mafioletti, o intercâmbio entre as cooperativas paranaenses e as italianas tem possibilidades de evoluir e chegar a resultados positivos. “Há uma grande afinidade entre os países e também complementaridade de tecnologias e produtos no setor de carnes, lácteos,

grãos e sucos. O principal aprendizado que obtivemos foi do pragmatismo das cooperativas européias em realizar negócios e garantir a renda aos seus cooperados, tanto através das operações de mercado, quanto do apoio e subvenção governamental”, conclui. ■

Números revelam força do setor

Para compreender melhor a grandeza da economia cooperativista da Alemanha e Itália é importante

saber a sua população e o PIB, comparados ao Brasil. A tabela abaixo mostra as grandes diferenças entre

essas economias e a distância entre o PIB per capita do Brasil e dos países visitados.

Item/país	Brasil	Itália	Alemanha
População	190 milhões	59 milhões	82 milhões
PIB US\$	1,83 trilhões	1,78 trilhões	2,80 trilhões
PIB per capita US\$	9,66 mil	29,9 mil	34,13
Saldo comercial US\$	40,03 bilhões	- 8,80 bilhões	240 bilhões

O que chama a atenção...

- “Nas agropecuárias, a tendência de união das cooperativas para formação de grupos fortes, com consórcios de cooperativas, fusões e incorporações. Forte visão de mercado para os produtos e alta tecnologia na produção e indústria”. (*Ivo Carraro, diretor executivo da Coodetec*)

- “A falta de identidade cooperativa no cooperativismo europeu. Acredito que nesse ponto estamos bem posicionados. Não consegui perceber com clareza como é feita a defesa institucional, nem na Itália, nem na Alemanha. No Brasil, além de valorizarmos mais a marca cooperativa, os seus princípios e valores, temos inclusive uma agenda parlamentar. Precisamos explorar mais é o fato de sermos cooperativa e transformar nossos pontos fortes e

ganhos para o nosso negócio”. (*Leonardo Boesche, gerente de Desenvolvimento Humano – Sescop Paraná*)

- Atuação das cooperativas em nichos especializados de mercado, de alto valor agregado, baseado no ciclo virtuoso de transformar, diversificar e especializar. Na Alemanha, em particular, nos chamou a atenção o alto investimento em formação e qualificação profissional, que tem trazido ótimos resultados ao sistema cooperativo de crédito”. (*Marco Antonio do Prado - Gerência Corporativa – Castrolanda*)

- “Na Itália é forte a integração entre as cooperativas através de consórcios, buscando escala e especialização para competir no mercado nacional e internacional. Na Alemanha chama atenção o profissio-

nalismo adotado pelo setor cooperativista através da formação capacitação dos dirigentes e colaboradores. É muito forte entre os alemães e italianos a visão de que as cooperativas pequenas, sem união, não têm condições de sobreviver”. (*Jaime Basso, presidente da Sicredi Vale do Piquiri*)

- As fusões e incorporações de cooperativas em busca de melhor agregação de valor sem a preocupação em relação a perda de identidade. O objetivo fundamental do produtor é ganhar dinheiro sem a preocupação de fazer o social, pois se ele obtém recursos através da cooperativa, poderá atender suas necessidades sociais. (*Antonio Carlos Campos – Gerente geral da Cooperativa Batavo*)

Saúde é assunto sério

Saúde pública x saúde complementar. É comum questões como essas aparecerem nos debates como opositoras. E não, complementares que são. Recentemente, a Imprensa divulgou dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sobre o uso de planos privados de saúde no país. Segundo a apuração daquele órgão, o número de beneficiários dos planos privados de assistência médica chegou a 18,5% da população brasileira em 2005, ou seja, 1 a cada 5 brasileiros, já possui um plano. De acordo com a Agência Estado, que divulgou a pesquisa, o objetivo do IBGE é verificar como está sendo estruturado o setor de saúde no país.

No ensaio sobre “Organizações sociais e reforma do estado no Brasil: riscos e desafios nesta forma de institucionalizar, a parceria estado-sociedade organizada”, a autora Elida Graziane Pinto lembra que “quando se questiona hoje o papel do Estado em termos de prestação de serviços como saúde e educação, bem como em relação à participação das várias entidades da sociedade civil de caráter público não-estatal, depara-se com a problemática de como aproveitar todo o potencial dessa esfera social (conhecida como terceiro setor)”. E aqui poderíamos colocar também a iniciativa privada.

Para ela, “essa ‘problemática’ de como chamar a sociedade organizada a participar se encontra paradoxalmente no risco de a parceria Estado-sociedade organizada ser um mero instrumento de legitimação da saída pura e simples do Estado de setores em que sua atuação, no

mínimo, subsidiária é imprescindível”. Algo, no fundo, temido por todos nós.

Proteção social – Todavia, especificamente, no quesito saúde, é importante lembrar que os movimentos que organizaram o setor privado de saúde, há cerca de 40 anos no país, surgiram justamente em função da dificuldade do Estado de dar conta de uma assistência à saúde que pudesse atender às necessidades da população. Neste sentido, a saúde complementar no Brasil tornou-se colaboradora fundamental do Estado na garantia de melhorias nesse campo.

No entanto, o Estado não só se obriga a reconhecer que a saúde é direito de todos e seu dever, mas também ao ceder parte do trabalho à iniciativa privada, manter sob seu comando a regulação: “São de relevância Pública as ações e serviços de Saúde, cabendo ao poder Público dispor, nos termos da lei, sobre sua regulamentação, fiscalização e controle, devendo sua execução ser feita diretamente ou através de terceiros e, também por pessoa física ou jurídica de direito privado (art. 197, da Constituição Federal).

Os Sistemas de Saúde baseiam-se no conceito de que Sistemas de Proteção Social são essenciais para o desenvolvimento econômico de uma nação. Só para se ter uma idéia da importância da Saúde Suplementar para a população, em 2007, o setor público investiu 75 bilhões de reais em saúde, 2,93% do PIB, contra 85,3 bilhões do setor privado, 3,32% do PIB, um total de 160,3 bilhões, ou seja, 6,25% do PIB (Fonte: datasus/ANS).

É verdade que estamos ainda longe de equacionarmos a questão saúde. Mais recursos são necessários. Sejam públicos ou privados. Além disso, é necessário um debate amplo entre Estado e sociedade na tentativa de resolver questões pendentes de grande importância. Todavia, as Cooperativas de Saúde estão participando ativamente na busca dessas soluções. É uma preocupação nossa constante, corroborada por mais de 14 milhões de brasileiros que confiam nas Cooperativas no que tange às soluções de saúde.



Foto: Assessoria Unimed Paraná

Orestes Barrozo Medeiros Pullin é médico e presidente da Federação das Unimed do Estado do Paraná.

Todos os serviços de comunicação, reunidos e integrados numa só Agência: **VS** Comunicação.



www.vscomunicacao.com.br
45 3326 9375

Para atender e entender o agronegócio e as Cooperativas, é preciso versatilidade, mix completo de serviços, conhecimento e pleno domínio de tecnologias. As soluções oferecidas pela **VS** Comunicação têm sempre a medida certa de cada ingrediente, para atingir seu alvo, com eficiência e economia. Converse com nossos profissionais. Acesse: www.vscomunicacao.com.br



Sicredi racionaliza ações do sistema

Formalizada estrutura que gerencia o grupo central

Foi aprovada no último dia 9 de outubro a nova estrutura organizacional e de governança do Sicredi, que inclui a constituição da Sicredi Participações S. A., holding que coordena todas as ações do sistema central: o banco, a confederação e a fundação. O conselho diretor, que tem como presidente Manfred Dasenbrock, presidente da Central Sicredi Paraná, é integrado pelos presidentes das cinco centrais estaduais, por um presidente de cooperativa singular de cada central e por dois conselheiros externos.

A alteração da estrutura organizacional e de governança do Sicredi foi planejada e debatida amplamente no sistema e aprovada por unanimidade. A Sicredi Participações permite reduzir as

estruturas do sistema, focando sua ação no objetivo principal, que é ofertar serviços para as cooperativas em favor do associado. Um dos resultados deverá ser a redução da necessidade de patrimônio líquido nas operações dentro do grupo, baseando-se na experiência dos maiores sistemas cooperativos mundiais, como DG Bank, Credit Agricole, Rabobank e Desjardins. Entre os benefícios desse novo modelo estão a agilidade nas decisões, a simplicidade na forma de encaminhamento e de tratamento das questões relacionadas ao sistema. “Essa mudança no nosso jeito de caminhar vem justamente ao encontro do que o Sicredi está buscando: focar suas ações em benefícios dos seus associados e construir um Sistema forte para as próximas gerações”,

afirma Manfred Dasenbrock.

Sistema cresceu 25% no Paraná

– Longe dos efeitos imediatos da crise que afeta o setor financeiro e com recursos administrados de R\$ 2,5 bilhões, o Sicredi Paraná cresceu 25% entre janeiro e setembro deste ano. Embora também possa sofrer redução no crescimento a médio prazo em função da desaceleração da economia mundial, o sistema está tranquilo. “Não estamos vendo dificuldades, pois o Sicredi seguiu rigidamente as determinações do Acordo de Basiléia”, comentou o presidente da Central Sicredi Paraná, Manfred Dasenbrock. O fluxo de recursos é normal e, se o clima permitir, uma boa safra agrícola poderá permitir que o sistema feche o ano com crescimento significativo.



Sede da Central Sicredi Paraná, em Curitiba

Sicoob Curitiba abre mais dois pontos de atendimento

Com a abertura de mais dois pontos de atendimento na Capital, a cooperativa de crédito Sicoob Curitiba fechará o ano com quatro unidades na Região Metropolitana, além da sede central localizada junto a Associação Comercial do Paraná, no centro da cidade. Em novembro começam a funcionar os postos avançados da Associação de Defesa dos Direitos dos Policiais Militares Ativos, Inativos e Pensionistas (Amai) e do Sindicato da Habitação e Condomínios do Paraná. A Sicoob já tem um posto de atendimento em Araucária e outro junto ao cartório do 1º Ofício, em Curitiba. Com 1633 associados, a cooperativa tem quase R\$ 22 milhões em ativos.

O posto de atendimento da Associação de Defesa dos Direitos dos Policiais Militares Ativos, Inativos e

Pensionistas (Amai) é resultado da busca da associação por um sistema de crédito cooperativo para gerir os recursos dos seus associados e familiares, que somam 5 mil na Região Metropolitana e cerca de 27 mil no Paraná. A instalação do posto de atendimento é o primeiro passo da Amai no aprendizado da cultura cooperativista, que no futuro pode resultar na constituição de uma nova cooperativa da categoria, explica o gerente administrativo e financeiro Cezar Augusto Maestri Nobre. A experiência cooperativista de associações similares de outros estados e a busca de taxas mais atrativas para a concessão de crédito pesaram na decisão da associação optar por instalar em sua sede o posto de atendimento do Sicoob.

Bacen autoriza Sicoob Pato Branco

– O Banco Central publicou no dia 5 de novembro, no Diário Oficial da União, a

autorização para o funcionamento da Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados de Pato Branco. Com uma população de 66 mil habitantes, Pato Branco possui o 3º melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Paraná. O projeto da cooperativa foi iniciativa da Associação Comercial e Empresarial de Pato Branco e, desde o início, contou com o apoio também do Sindicato do Comércio Varejista de Pato Branco. De acordo com o presidente do Conselho de Administração da nova cooperativa Sicoob, Alcir Freisleben, o posto de atendimento cooperativo entrará em funcionamento no dia 5 de janeiro, na rua Caramuru, 391, oferecendo todos os produtos e serviços do Sicoob Paraná. A cooperativa é a primeira do Sicoob Paraná a ser constituída como de livre admissão.

O Melhor Alimento para o seu animal

Nutrição e Saúde num só produto



Rações



INTEGRADA
COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL

Bovinos, Equinos, Ovinos, Aves, Peixes, Cães, Suínos e Coelhos

A Venda nas Unidades da Integrada e Lojas Especializadas

Gestão ambiental nas propriedades rurais

A discussão em torno da sustentabilidade das propriedades rurais está presente em todos os encontros e conversas de produtores. Reserva legal, matas ciliares, nascentes, áreas de várzeas, manejo de dejetos, licenciamento ambiental são assuntos que já estão incorporados ao dia-a-dia da maioria das propriedades rurais.

Na maioria das regulamentações ambientais sempre existiu, no entanto, uma má orientação aos produtores ou até mesmo “vistas grossas” do setor público, permitindo que as propriedades rurais trabalhassem à margem das regulamentações.

Dentro de um ciclo de produção, o agronegócio utiliza recursos ambientais e devolve sobras. No entanto, o problema ambiental começa quando o ambiente não tem mais condições de absorver essas “sobras”. É nesse momento que surgem as regulamentações ambientais, tentando por “ordem na casa”, disciplinando algumas ações que eram permitidas e passam a ser proibidas ou necessitam de ajustes.

E a pergunta que poucos conseguem responder é como compatibilizar a necessidade de aumento de produção, acentuada pela crise dos alimentos, com a necessidade de adequações e restrições ambientais. O Passivo Ambiental acumulado no estado do Paraná é muito grande, já que ocupamos apenas 2,3% da área do país e produzimos cerca de 25% do volume de grãos.

A Política Agrícola Brasileira, e a Constituição Federal atribuem às propriedades rurais uma função social, econômica e ambiental. O Brasil possui uma das

mais rigorosas e completas legislações ambientais do mundo, nossas propriedades necessitam atender exigências que muitas vezes não existem em outra parte do planeta, o que revela nosso potencial de competitividade e sustentabilidade, ou seja, conseguimos produzir com responsabilidade social, ambiental e retorno econômico.

Dentre as inúmeras legislações ambientais presentes no país, o primeiro Código Florestal Brasileiro em 1934 (Decreto 23.793/34) já determinava a manutenção nas propriedades de 25% de matas preservadas, no entanto o conceito de Reserva Legal como conhecemos hoje apareceu em 1965, na Lei 4.771/65 e obriga para o estado do Paraná, uma necessidade de manutenção de 20% da área das propriedades com vegetação nativa. Além das áreas de reserva legal, as propriedades precisam manter protegidas suas Áreas de Preservação Permanente (APP) que são os topos de morros, margens de rios, lagos e nascentes.

A rigidez aumentou com a publicação da Lei da Mata Atlântica, no final de 2006, que proibiu qualquer corte ou manejo de árvores nativas no Bioma Mata atlântica (pela nova classificação do IBGE engloba praticamente todo o Paraná), inclusive fora da reserva legal. Recentemente o Decreto de Crimes Ambientais (6.514) endureceu ainda mais as multas referente às infrações ao meio ambiente.

No entanto, ao resgatarmos o conceito mais utilizado de desenvolvimento sustentável como sendo “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capaci-

dade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”, precisamos com cautela identificar este ponto de equilíbrio social, ambiental e econômico das propriedades rurais.

O passivo ambiental acumulado no Estado não será resolvido em um curto espaço de tempo, necessitamos de políticas ambientais que englobem o custo-benefício de algumas ações, com o intuito de não inviabilizarmos um grande número de produtores, transformando o problema ambiental em social.

O histórico da ocupação e de suas marcantes diferenças regionais, tanto econômicas, como sociais e culturais, enfatiza a necessidade crucial de se contemplar a especificidade de cada região, para que se alcance o real objetivo de um meio ambiente equilibrado para as presentes e futuras gerações.

Rediscutir os conceitos preconizados pelo Código Florestal e adequá-los à atual realidade sócioeconômica e às práticas de conservação ambiental do país é fundamental nesse momento. O setor rural tem excelentes exemplos de preservação ambiental, como a tecnologia do plantio direto, a devolução de embalagens de agrotóxicos e a recuperação de matas ciliares, o que o setor precisa nesse momento é de tempo e condições de execução das novas regulamentações, deixando de lado paixões e análises simplistas do setor, para não inviabilizarmos a atividade rural e a produção de alimentos no nosso país.

Gustavo Sbrissia –
Engenheiro Agrônomo.

Cooperativa de Crédito SICREDI. Conheça agora quem inventou a relação ganha-ganha muito antes dela virar moda.



Uma cooperativa de crédito tem cartão de crédito, conta corrente, investimentos, débito automático, tudo muito parecido com o que você encontra num banco. A diferença é que ninguém ali é cliente: todos são associados. E por isso são também donos - que saem ganhando com o crescimento do negócio. Um crescimento que já levou o SICREDI para mais de 1000 pontos em 10 estados brasileiros. E se associar a tudo isso é simples como abrir uma conta em banco. Visite a nossa unidade mais próxima e confira.

Vem ser dono, vem pro SICREDI.

www.vemserdono.com.br



INDICADORES ECONÔMICOS



INDICADORES CONJUNTURAIS DA ECONOMIA ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Out 08	Set 08	Ago 07	Jul 08	Jun 08	Mai 08	Abr 08	Mar 08	Fev 08	Jan 08	Dez 07	Nov 07	Out 07	Ano 07	Ano 06	Ano 05	Ano 04	Ano 03	Ano 02
Taxa inflação	IPCA	0,45	0,26	0,28	0,53	0,74	0,79	0,55	0,48	0,49	0,54	0,74	0,38	0,30	4,46	3,14	5,69	7,60	9,30	12,53
	IGP-Di	1,09	0,36	-0,38	1,12	1,89	1,88	1,12	0,70	0,38	0,99	1,47	1,05	0,75	7,90	3,80	1,23	12,13	7,66	26,41
Taxa desemp.	%	7,8	7,6	7,6	8,10	7,80	7,90	8,50	8,60	8,70	8,00	7,40	8,20	8,70	9,29	9,98	9,83	11,48	12,32	7,14
Taxa de câmbio	R\$/US\$	2,17	1,80	1,63	1,59	1,62	1,66	1,69	1,71	1,73	1,77	1,78	1,77	1,80	1,95	2,18	2,43	2,93	3,08	2,92
Taxa Selic	%	13,75	13,75	13,00	13,00	12,25	11,75	11,75	11,75	11,25	11,25	11,25	11,25	11,25	11,25	13,25	18,00	17,75	16,50	25,00
TJLP	%	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,25	6,50	9,75	9,75	11,01	10,00
TR	%	0,250	0,197	0,157	0,191	0,115	0,074	0,096	0,041	0,024	0,101	0,064	0,059	0,114	0,120	0,168	0,233	0,150	0,379	0,231
Balança Com.	Bi US\$	1,20	2,76	2,27	3,30	2,72	4,08	1,74	1,01	0,88	0,94	3,64	2,03	3,44	40,04	46,07	44,70	33,64	24,79	13,12
Res. Internac.	Bi US\$	205,18	206,48	205,12	203,56	200,83	197,92	195,77	195,23	192,90	187,51	180,33	177,06	167,87	180,33	85,84	53,80	52,93	46,56	37,06

Fontes: IPEA, IBGE, Banco Central, MDIC. Elaboração: Ocepar, outubro/2008.

* provisório para outubro de 2008.

INDICADORES DE PREÇOS DO AGRONEGÓCIO ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Out 08	Set 08	Ago 08	Jul 08	Jun 08	Mai 08	Abr 08	Mar 08	Fev 08	Jan 08	Dez 07	Nov 07	Out 07	Ano 07	Ano 06	Ano 05	Ano 04	Ano 03	Ano 02
Algodão caroço	R\$/@	14,58	14,59	14,58	14,73	14,83	14,81	15,01	14,75	14,74	14,73	14,74	14,76	14,74	14,42	13,15	13,22	17,03	17,50	9,96
Café em coco	kg/renda	3,48	3,59	3,50	3,56	3,63	3,62	3,62	3,78	3,90	3,72	3,63	3,47	3,63	3,57	3,46	3,61	2,82	2,31	1,56
Milho	R\$/Sc	16,98	17,72	18,44	21,31	20,17	20,13	20,02	19,86	20,71	22,20	24,94	22,82	19,39	17,53	12,59	14,35	15,53	15,73	13,90
Soja	R\$/Sc	40,47	41,25	40,26	45,67	45,07	40,86	40,97	43,28	44,37	42,06	40,11	37,91	35,13	31,12	25,31	27,56	38,42	37,42	25,69
Trigo	R\$/Sc	26,29	27,46	29,32	35,94	39,66	41,01	41,00	38,55	34,73	33,03	30,26	29,98	32,12	27,83	21,37	19,57	24,51	27,24	29,49
Cana-de-açúcar	R\$/t	27,79	26,78	25,98	26,38	27,68	28,13	28,17	28,62	28,48	28,54	27,93	27,29	27,83	30,64	34,04	28,24	25,77	26,04	20,02
Mandioca	R\$/t	168,92	166,59	165,85	161,31	159,46	161,21	158,07	156,83	163,68	163,14	160,75	158,94	151,92	137,94	88,86	115,02	238,10	197,95	59,08
Boi gordo	R\$/@	85,10	84,63	85,88	85,90	85,18	75,41	71,88	69,67	68,12	68,54	69,45	66,82	59,92	57,07	48,86	50,76	55,89	54,14	45,41
Frango vivo	R\$/kg	1,71	1,76	1,74	1,81	1,73	1,62	1,48	1,50	1,54	1,58	1,54	1,49	1,47	1,38	1,18	1,36	1,44	1,37	1,02
Leite cota	R\$/l	0,54	0,59	0,66	0,70	0,69	0,67	0,62	0,59	0,58	0,58	0,58	0,61	0,65	0,55	0,43	0,46	0,45	0,41	0,30
Suíno raça	R\$/kg	2,82	2,73	2,85	2,76	2,48	2,28	2,26	2,27	2,13	2,21	2,37	2,10	1,98	1,68	1,42	2,13	2,24	1,59	1,17

Fonte: Seab/Deral, Elaboração: Ocepar - outubro/2008. Preços médios mensais e anuais recebidos pelos produtores paranaenses.

INDICADORES DO COOPERATIVISMO

Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Faturamento (bilhões R\$)	6,49	8,02	11,21	15,50	18,00	16,50	16,50	18,50
Cooperativas (unidades)	194	193	202	204	210	228	229	234
Cooperados (unidades)	243.224	245.884	266.523	293.579	348.000	403.195	406.791	451.500
Colaboradores (unidades)	28.460	30.421	32.693	39.059	45.000	49.000	50.000	51.000
Exportações (milhões US\$)	355,42	633,82	643,87	800,00	1.000,00	700,00	850,00	1.100,00
Investimentos (milhões R\$)	-	300,00	350,00	450,00	780,00	600,00	790,00	1.028,00
Participação no PIB agropecuário do PR	47%	55%	52%	53%	55%	55%	55%	55%

Fonte: Ocepar/Getec.

A união da necessidade com a vontade de vencer deu vida à segunda maior cooperativa do Brasil.



Desde sempre, os seres vivos perceberam que a união é a melhor forma de enfrentar as dificuldades e superar desafios. Foi assim que um grupo de agricultores fundou a **C.Vale**, com o objetivo de promover o desenvolvimento através da cooperação. Hoje, a **C.Vale** completa 45 anos de produtividade e desenvolvimento, e parabeniza a todos os seus associados, funcionários, fornecedores e clientes.





VALORIZE O QUE É SEU. DÊ PREFERÊNCIA A PRODUTOS E SERVIÇOS DAS COOPERATIVAS.

QUALIDADE
GARANTIDA
DE ORIGEM.

